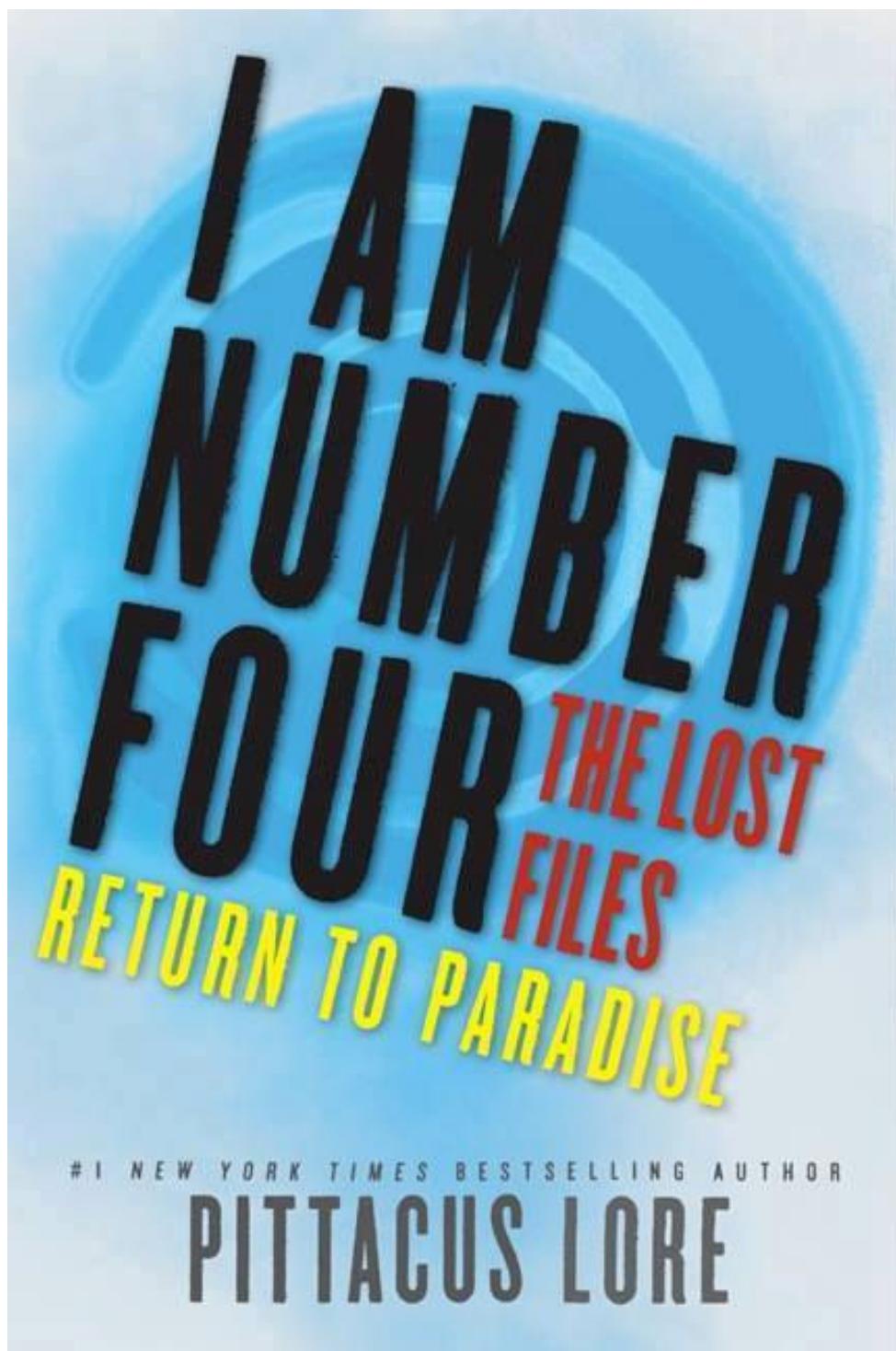


OS ARQUIVOS PERDIDOS: RETORNO À PARADISE

(PITTACUS LORE)



TRADUZIDO POR: JOHN DC

com ajuda de JADSON JÚNIOR

REVISADO POR: ALLIE FREITAG

CAPÍTULO UM

EU TENHO QUE FICAR RELEMBRANDO QUEM EU SOU na primeira semana de aula, na nova escola. Não que eu perdi minha memória, ou coisa do tipo, não. Eu *sei* quem eu sou em um sentido literal. Mas eu tenho que me relembrar o que ser eu significa. Então, durante toda a semana eu fico dizendo a mesma coisa na minha mente:

Você é Mark James.

É o que eu penso na segunda, quando algum idiota esbarra em mim enquanto eu procuro um lugar vazio numa sala de aula cheia de estranhos.

Você é Mark James, o cara que na sua escola antiga era admirado por todo mundo. Esses idiotas vão aprender.

E na quarta, quando alguém saqueia meu armário durante a Educação Física, o que me força a andar com a camisa encharcada de suor nos últimos dois períodos.

Você é Mark James, o quarterback. Eles estão apenas com ciúmes.

E no almoço de quinta, quando me encosto na porta traseira da minha caminhonete e alguém em um velho Camaro passa rápido, lançando um copo de isopor grande de refrigerante de laranja em mim, enquanto gritava o que eu acho que era “pirata idiota”

Você é Mark James, o atleta mais popular e brilhante que Escola Paradise já viu.

Se alguém tivesse me perguntado um ano atrás o que meu futuro guardava, eu provavelmente teria dito algo do tipo “*Mark James, quarterback de Ohio*”. E se eu tivesse tomado duas cervejas, eu diria algo do tipo: “*Mark James, escolhido na primeira fase da NFL*”.

O que eu não teria dito – o que eu não poderia nem imaginar – era algo próximo de “*Mark James, sobrevivente de um ataque alienígena*”.

Durante toda minha vida, o futuro parecia preparado pra mim. Assim que dei meus primeiros passos, eu sabia o que queria fazer. O QB de Paradise, estrela do colegial, esperança da NFL. Mas agora o futuro é estúpido, escuro, imprevisível, e eu sinto como se minha vida estivesse seguido em frente, para algo que nem importa. Que talvez possa nem existir, se formos conquistados por um bando de alienígenas super poderosos. Quero dizer, meu troféu da conferência foi usado para *assassinar* um alien. Um Mogadoriano. Um bando pálido de idiotas de outro planeta que vieram para a Terra para caçar um cara alienígena que parece um ser humano, chamado John Smith – *ha* – e sua amiga invisível. E então eles destruíram minha escola. Meu reino. E quase me mataram no processo.

Algumas pessoas morreram. Eu acho que devo considerar que tive sorte, mas eu não me sinto *sortudo*. Eu me sinto como alguém que acabou de descobrir que vampiros existem, ou que a realidade é um jogo de videogame muito bem elaborado. Porque todos os outros continuam suas vidas normalmente, mas o mundo mudou para mim.

Há apenas algumas pessoas que realmente sabem o que aconteceu no colégio de Paradise. Todos pensam que a carnificina da escola aconteceu por causa do maníaco estranho John Smith, que ficou louco e pulou pela janela do diretor um dia, e voltou na mesma noite para causar danos massivos, que destruíram metade do prédio. E para então fugir da cidade. Dizem que ele é um tipo de adolescente terrorista ou um psicopata – depende de quem conta a história.

Mas uma escola explodida não pode continuar educando, então todos em Paradise estão sendo mandados para a cidade vizinha, onde tem uma escola a qual possamos ir. O que acontece é que a escola dessa cidade é a Helena High, nossa maior rival, a qual eu derrotei no melhor jogo de futebol da minha vida, encerrando uma temporada invicta aniquilando por completo sua defesa. Então, claro, eu posso ver porque não sou tão amado nessa escola. Eu apenas nunca imaginei que passaria o último semestre escolar da minha vida limpando refrigerante de laranja do meu cabelo. Talvez se eu ainda fosse o antigo Mark James, isso seria até engraçado. Eu estaria sonhando com ideias, as quais eu e meus amigos do futebol poderíamos nos vingar dos outros estudantes, pregando uma peça neles e rindo por último. Mas encher o armário de alguém com estrume não é uma das minhas maiores prioridades, agora que sei sobre a existência de seres de outro mundo que estão andando entre nós, e que uma possível invasão alienígena pode acontecer a qualquer momento. Eu queria que *estrume* ainda fosse a prioridade do topo da minha lista.

Um monte de amigos meus do time me disseram que eu mudei e fiquei quieto depois do que aconteceu, mas eu não posso evitar. É meio sem sentido falar sobre festas e carros quando eu fui quase que literalmente estraçalhado por algum tipo de monstro extraterrestre. Como eu poderia voltar a ser o Mark James amigável e divertido depois de tudo isso? Agora eu sou o “paranoico que vai ser morto por aliens” Mark James.

Eu posso lidar com a nova escola. Droga, eu provavelmente mereço isso pelas besteiras que fiz com pessoas, como John Smith em Paradise. É apenas um semestre, e então eu estarei formado. Talvez eles possam ser capazes de consertar o auditório da escola a tempo para que eu suba no palco em Paradise. O que estraga tudo é que não posso contar a ninguém o que está acontecendo. Ou pior, que os aliens malvados – os Mogs – podem estar atrás de mim, para me calar.

Pelo menos eu tenho Sarah para conversar. Ela estava lá. Ela lutou comigo, quase morreu ao meu lado. Enquanto eu tiver Sarah, eu sinto que não vou enlouquecer.

CAPÍTULO DOIS

HÁ ÔNIBUS GIGANTES QUE LEVAM OS ALUNOS de Paradise para a Helena High, mas eu consegui falar com o diretor, para eu poder ir dirigindo sozinho. Eu disse a ele que queria ficar até mais tarde para treinar – que eu não queria que o que aconteceu em Paradise me impedisse de ser um atleta de colegial bem sucedido. Ele disse que estava tudo bem: eu acho que em parte, porque ele espera que nada que eu faça no futuro vá fazer com que a Paradise High pareça boa, e em outra parte porque todos na cidade ainda se sentem mal, porque eu dei uma festa e alguns garotos acidentalmente incendiaram a minha casa.

Eu não acho que isso teve algo a ver com os aliens. Pelo menos, eu tive certeza ao dizer para todos que achavam que John tinha explodido a minha casa que o que realmente aconteceu foi que alguns maconheiros que estavam no porão, estavam colocando fogo nas coisas por diversão. Isso casualmente calou as pessoas – especialmente os adultos que gostam de mentir dizendo que coisas assim nunca aconteceriam na velha Paradise. Há um vídeo no Youtube como prova. Ninguém deveria estar falando coisas sobre ele, daquela noite. Ele conseguiu um passe livre nessa.

Eu encontrei Sarah no estacionamento depois do último sinal de sexta, na primeira semana em que estivemos na Helena High. Ela me esperava na minha caminhonete, estava meio cinzento aqui fora, e ela está com uma blusa xadrez que faziam com que seus olhos parecessem que estava azuis brilhantes. Ela estava incrível.

Ela sempre está.

Sarah Hart era – é – o amor da minha vida. Mesmo depois que ela largou as líderes de torcida e voltou para a escola como uma emo *hipster* que de repente não queria estar namorando um QB. Mesmo depois que ela me largou e começou a namorar um alien. Eu sorri para ela, ao que se aproxima um sorriso com dentes. É um reflexo. Não posso evitar. Ela sorri também, mas não do jeito que eu queria.

Mesmo com o mantra “Você é Mark James” na minha cabeça o dia todo, algumas vezes eu não me sinto como eu mesmo. Invés de ser legal - o cara que sempre fui - eu começo a me preocupar com uma guerra intergaláctica e se os Mogs estão me observando enquanto tomo meu café da manhã. Mas mesmo se eu começar a me perguntar se não deveria estar começando a fazer uma bomba no meio da floresta ou algo do tipo, parte de mim quer ficar plantado no mundo que eu vivia antes de eu ter uma prova de vida alienígena na Terra, onde eu sou apenas um garoto que tenta voltar com sua ex-namorada.

Se toda essa provação teve algum lado positivo, é que eu vejo mais da Sarah que eu via antes. Eu gosto de pensar que eu salvando a vida do John a impressionou, talvez até a mostrou que há mais em mim do que ela pensava. Algum dia, quando isso estiver acabado, Sarah irá perceber que mesmo John sendo um alien, ele ainda é um ET louco, e eu estarei esperando por ela, mesmo se eu precisar lutar contra aliens do espaço para mantê-la a salvo e mostrar que sou melhor que ele.

A espera totalmente acaba.

— Você está pedindo pra ser chutado, né? — ela diz ao que eu me aproximo.

Primeiramente fico confuso, mas então percebo que ela está apontando para meu peito, onde meu nome está bordado em dourado sobre meu coração com a letra da camisa do time de Paradise High.

— O que, isso? — eu pergunto, flexionando o meu peito. — Só estou relembrando nossa escola. Tentando trazer Paradise para o inferno, assim todos podemos se sentir em casa.

Ela rola seus olhos.

— Você está provocando eles.

— Eles são o menor dos meus problemas hoje.

— Que seja — ela diz, — Sua caminhonete ainda tem cheiro de refrigerante de laranja.

Uma vez dentro do carro, Sarah inclina a cabeça na janela do passageiro e exala um longo suspiro, como se ela tivesse o segurado o dia todo. Bonito mas cansativo.

— Eu ganhei um novo nome em bio hoje, ela diz.

— É?

— Sarah coração sangrento – continua – eu estava tentando explicar que John não é um terrorista que quer explodir a Casa Branca. Tipo, literalmente, alguém disse que ouviu que ele iria explodir de fato a Casa Branca.

— Agora, quem é que está pedindo por isso?

Ela abre os olhos apenas o suficiente para olhar pra mim.

— Eu sinto que tudo o que eu faço agora é defender ele, mas todos se recusam a ouvir. E toda vez que eu tento dizer alguma coisa sobre eles não saberem de toda a história, eu perco um amigo. Você sabia que a Emily acha que ele raptou o Sam? E eu não posso nem dizer pra ela que isso é mentira. Tudo o que eu posso dizer é que John não faria isso, e então ela olha pra mim como se eu fizesse parte de uma trama para destruir a América ou algo do tipo. Ou pior, uma perdedora apaixonada que está em negação.

— Bem, você ainda tem eu - eu digo para tranquiliza-la. — E eu tento defender o John todas as vezes que posso. Embora eu não ache que estou tendo sucesso. Todos os caras do time acham que ele era capaz de chutar nossos traseiros pelo campo todo, porque ele é um agente bem treinado na Rússia ou coisa do tipo.

— Obrigado, Mark - Sarah diz. — Eu sei que posso contar com você. É que...

Ela abre os olhos e olha pela janela ao que passamos por alguns campos vazios, nunca terminando sua sentença.

— É que o que? – eu pergunto, mesmo sabendo qual será a resposta. Eu posso sentir o sangue nas minhas veias começando a pulsar um pouco mais rápido.

— Nada.

— *O que é*, Sarah? – eu pergunto.

— Eu só queria que John estivesse aqui - ela me dá um sorriso triste. — Pra ele se defender.

Claro, o que ela realmente quer dizer é que ela queria que John estivesse aqui porque sente a falta dele. Isso está matando ela, não saber onde ele está, ou o que está fazendo. Por um momento, eu me sinto como o velho Mark, enquanto minhas mãos apertam com força o volante. Eu quero encontrar John Smith e socar o queixo dele, e continuar batendo nele até as minhas juntas sangrarem. Eu quero falar para ele diretamente, que se ele à amasse de verdade, ele não a teria deixado aqui para ser caçada. Ele teria dado um jeito. Mesmo se ele a deixou para procurar outros aliens iguais a ele para salvar o planeta. Se eu fosse ele, eu teria descoberto uma maneira de manter Sarah e o mundo salvo. E feliz.

Eu não posso acreditar que esses são os tipos de conversas que eu tenho comigo mesmo diariamente agora. Estar super irritado com John apenas me faz parecer com o Mark o qual a Sarah terminou. Então, ao invés de falar merda sobre ele, eu engulo minha raiva e mudo de assunto.

— Eu estive pensando muito sobre o que aconteceu recentemente. Como o FBI está lidando com isso. Meu pai diz que é meio estranho o jeito que eles mantêm a aplicação da lei local nas escuras. Quero dizer, ele é o xerife e ninguém está dizendo nada pra ele do que está havendo.

— É, mas isso não é para eles manterem a investigação em segredo? – ela pergunta. — Esse é o serviço do FBI, certo?

— Meu pai não acha isso. Ele deveria pelo menos estar a par de tudo, mesmo se ele não puder contar para sua equipe o resto da história. Além disso, eu sei que eles acharam alguns corpos na escola e teve muitos danos, mas John foi posto direto na lista de mais procurados do FBI. Isso parece muito precoce, certo? Especialmente considerando que não há evidências de fato de que John está por trás disso.

— E então? Você acha que é algum tipo de conspiração governamental? – ela se endireita no banco do passageiro, se inclinando em minha direção.

— Eu apenas acho que talvez eles saibam mais sobre o que está acontecendo com o povo de John do que demonstram. Eu estou *achando* que algumas das pessoas nos ternos pretos são inteligentes o suficiente para perceber que isso não foi só um adolescente em fúria que cavou um buraco gigantesco no campo de futebol.

— Jesus, Mark, você está parecendo o Sam - ela diz. Então ela encolhe os ombros. — Mas eu acho que ele estava certo sobre algumas coisas que todos achávamos que era loucura. Isso faria sentido. Quero dizer, se coisas assim estão acontecendo por todo o país, alguém está investigando isso, certo? O FBI chegou aqui muito rápido. Talvez eles estejam trabalhando com a... espécie do John?

Eu não posso acreditar que Sarah se apaixonou por alguém que pode ser classificado como outra espécie.

— Ou talvez eles estejam trabalhando com os monstros com todas as espadas brilhantes - eu digo. — O que significa que acabamos de permitir que o time adversário faça a festa na cidade.

Sarah deixa sua cabeça cair contra a janela de novo.

— A onde você está, John? – ela sussurra, sua respiração embaçando o vidro a sua frente. — Onde está?

Ficamos quietos pelo resto da viagem até em casa.

Tudo em que penso é na promessa que eu fiz para John quando tudo foi pra baixo na escola – que eu iria manter Sarah a salvo – claro que farei isso. Eu faria mesmo se ele não tivesse me pedido. Mas isso faz meu estômago embrulhar ao saber que ele é quem ela pensa enquanto *eu sou* o que estou cuidando dela de verdade.

CAPÍTULO TRÊS

DEPOIS DE DEIXAR SARAH EM CASA, EU MUDO PARA O MODO DETETIVE.

Faz muito pouco tempo desde o fato “aliens existem e estão atacando sua escola” aconteceu, mas desde então estou tentando juntar mais informações possíveis sobre o que está acontecendo. Eu gostaria de dizer que se a Terra fosse lutar, eu poderia ser um dos valentões, mas eu acho que é só para eu ocupar meu tempo livre e porque eu gosto de ser uma pessoa informada. De preferência, a pessoa que está procurando problemas. Talvez seja isso que me faz ser um bom QB. É surpreendentemente difícil deixar de ser o cara que sabe de tudo o que está acontecendo na escola para um atleta idiota que nem consegue perceber que há uma guerra acontecendo ao redor dele.

Eu posso mudar isso. Tenho apenas que juntar informações.

Além disso, me dá um assunto para conversar com Sarah além do clima ou sobre o John – e os outros, mas mais sobre o John – se eles estão bem ou não. Mesmo que isso me faça parecer com o nerd do Sam.

Eu pego o caminho mais longo para casa e dirijo até um pouco depois do colégio. Não que eu possa chegar a qualquer lugar perto dele – as autoridades têm toda a área bem isolada. Não é a polícia que está apresentando o show agora. Se fosse, eu poderia acampar no jardim da escola se eu quisesse já que meu pai é o xerife. Mas não. Há pessoas muito mais *poderosas* liderando a investigação. O FBI, e eu acho que mais alguns grupos governamentais que nós cidadãos não devemos nem saber quem são. Há um monte de gente de ternos pretos andando por Paradise esses dias, e eu acho que isso faz sentido para a cidade nota A depois da área 51. Uma vez eu tentei entrar na escola pelas florestas que cercam ela, mas eles tem todas as áreas em volta da escola iluminadas por luzes gigantes. Eu não pude passar de alguns metros depois da borda da floresta, porque alguém teria me visto.

Teria sido uma boa hora para ter aquela garota alien por perto – Seis – com seus superpoderes da invisibilidade.

Hoje eu reconheci o policial que está encarregado de impedir que qualquer um vire a rua que dá na rua da escola. Todd é apenas três ou quatro anos mais velhos que eu. Ele foi uma grande estrela do futebol da cidade anos atrás, e sempre gosta de me parar para falar sobre os times e os jogos quando estou na estação. Eu hesito por um momento e decido tentar usar minha sorte. Eu quero saber o que está havendo na escola. Talvez se eu conseguir chegar perto o suficiente para ver que tipo de trabalho de investigação eles estão fazendo, eu possa ter uma ideia do que eles sabem e do que eles não sabem. Talvez eu possa até contar para um deles alguns segredos se eu não ver ninguém de pele pálida andando por lá.

Eu faço um balão e retorno para a escola. Enquanto estou manobrando, eu tiro a minha jaqueta e a coloco no banco de trás, cobrindo a minha mochila com ela.

— Eai, cara - eu digo, me aproximando de Todd. — Como tá?

— Só estou morrendo de frio para proteger este solo sagrado – ele diz, colocando suas mãos para dentro dos bolsos e apontando com a cabeça para a escola. Eu não posso dizer se ele está brincando sobre a coisa de solo sagrado ou não, porque ele é definitivamente o tipo de cara que vai falar sobre a glória do seu tempo de colegial até o dia da morte.

— Ah sim - eu digo tentando parecer o mais normal possível. — O que é que eles estão fazendo lá, mesmo? Quero dizer, ouvi que o lugar está uma bagunça, mas o pai me disse que eles não estão divulgando muito se eles estão encontrando alguma coisa útil ou não.

— São informações confidenciais - Todd diz erguendo as sobrancelhas um pouco só para soar realmente importante. — Você sabe, segurança interna, essas coisas. Aparentemente o governo não gosta muito se você tentar explodir uma escola.

— Aposto que sim, cara - eu assinto. — Hey, então, eu dei xeia minha jaqueta no meu armário antes dessa merda toda acontecer, eu sei que isso é estúpido, mas eu meio que me sinto nu sem ela. Você acha que eu poderia entrar lá correndo e pegá-la? Quero dizer, você provavelmente sentiu o mesmo com as suas quando estava fazendo *touchdowns*, certo? É como se fosse uma segunda pele.

Alguma coisa estranha acontece com a expressão de Todd. Ele está quieto, parece que sentiu algo estranho, ou coisa do tipo. Finalmente, ele apenas diz que não com a cabeça.

— Não posso, camarada - ele diz lentamente. — O lugar está interditado. Não sou permitido nem a me aproximar do campus.

— Eu sei, mas...

— Não - ele diz novamente. Dessa vez não tem espaços para argumentos.

Eu estreito meus olhos e tento ver o mais longe possível da rua que termina no campus, mas tudo que eu posso ver são SUVs pretos e algumas figuras vestidas de preto.

Todd pigarreia e eu volto para o presente.

— Legal - eu digo. — Só achei que poderia perguntar - Eu forço um sorriso. — Mas se algo acontecer com minha jaqueta, eu vou te caçar pro resto da sua vida.

Todd dá um pequeno sorriso enquanto eu viro e subo a rua oposta à escola.

Eles não o permitem nem chegar ao campus? Eu penso. Que diabos estão fazendo lá?

CAPÍTULO QUATRO

A CASA DA MINHA AVÓ É UMA das casas mais velhas no país, dois andares e cheio de tanto painéis de madeira que ela parece como uma espécie de cabana no interior. Mas é onde eu e meus pais estamos ficando enquanto a nossa casa é basicamente uma pilha de cinzas. Meus pais estavam começando a procurar, para construir algo novo quando tudo na cidade foi à loucura, por isso agora estamos acampados com Nana – mãe do meu pai – indefinidamente.

Estou quase fora da minha caminhonete antes que Abby, a nossa golden retriever, esteja sobre as patas traseiras tentando lamber meu rosto. Dozer, nosso buldogue, ergue-se na varanda e olha por um momento, como se ele fosse vir me cumprimentar, mas então ele só cai de volta para baixo e começa a roncar. No interior da casa se sente um cheiro delicioso - de carne assada e purê de batatas. É o prato favorito do meu pai, o que significa que ele provavelmente está de mau humor hoje e Nana está tentando animá-lo. Meu palpite é justificado, porque quando minha avó espreita da cozinha, ela me diz que minha mãe irá ficar em Cleveland por mais algumas semanas visitando sua família, que, conhecendo minha mãe, é código para "eu vou ficar louca em casa com a minha sogra" - Ela está agindo meio estranho e distante depois de toda a coisa incêndio em casa, mas eu continuo dizendo a mim mesmo as coisas vão ficar bem e ela voltar à Paradise quanto tudo estiver resolvido.

Papai chega em casa não muito mais tarde do que eu. Eu acho que é uma das vantagens de ser cortado de uma grande investigação, é de que você começa a jantar na hora todas as noites. Ele joga seu chapéu de xerife escuro sobre uma mesa perto da porta da frente e vai para o quarto de hóspedes que é onde ele está ficando. Logo, ele está de volta para baixo em um moletom e calça jeans, e nós três nos sentamos para jantar na antiga mesa redonda da sala de janta de Nana, que deve pesar duas toneladas.

Nana reza e nos pergunta sobre nosso dia. Eu dou uma resposta vaga sobre a escola ir bem - na medida em que a minha família sabe, não há nenhuma diferença no quem eu era em Paradise e quem eu sou na Helena. Meu pai faz algumas perguntas sobre se a administração teria decidido se Paradise terá um time de beisebol na primavera ou se vai se fundir com a nossa nova escola, o que seria pior do que não ter de beisebol. Eu dou de ombros termino meu jantar.

Eventualmente, eu começo a insistência sobre a investigação.

— Eu vi Todd hoje - eu digo entre mordidas de carne. — Ele me disse que eles não estão nem o deixando ir até o campus, mesmo que ele esteja protegendo o local.

— Oficial Charleston, - papai diz, mastigando através do sobrenome de Todd, - não é suposto a ficar fofocando sobre assuntos policiais. E certamente, não sobre uma investigações em curso.

— Foi minha culpa. Parei quando vi que ele estava no posto de guarda. Forcei-o a falar comigo. Não se preocupe; ele não me deixou colocar nem um pé diante dele.

Papai não diz nada, apenas continua a mastigar com os olhos em seu prato. Eu pigarreio um pouco e continuar falando.

— Então, uh. Você foi até a escola? O que está acontecendo por lá? Há ideias sobre quem ou o que está por trás de tudo?

— O garoto Smith e seu pai estão por trás de tudo, - papai diz, repetindo a mesma coisa que todos os outros tem dito.

Eu quero corrigi-lo e dizer-lhe que Henri não era realmente o pai de John. Que ele era algum tipo de guardião que protegeu eu, Sarah e os outros – e que morreu fazendo isso. E que eu observei seu corpo a queimar em uma cerimônia atrás de um motel próximo. Mas até onde meu pai sabe, John Smith era apenas um cara tranquilo de algumas de minhas aulas, e eu estava longe de Paradise na noite em que tudo aconteceu. Então, em vez disso, apenas pergunto: — Como eles podem ser certeza que era ele, então?

— Eles têm certeza. - A voz do meu pai é rude, ou seja, ele quer parar de falar sobre o assunto.

— Quem quer mais purê? - Nana pergunta.

— Sim, mas que prova que eles têm? - eu pergunto, sentindo-me um pouco mal por ignorar minha avó.

— Eles devem ter alguma coisa com eles para provar se continuam dizendo a todos que ele é o culpado.

Papai deixa o garfo no prato e olha por cima da mesa para mim.

— Você sabe quem é o "eles" que você continua a mencionar, Mark?

— Uh, mais ou menos. O FBI, por exemplo.

— E você já deve ter visto filmes suficientes para saber como o FBI trabalha. E o que acontece com as pessoas que fazem perguntas sobre as investigações ultrassecretas, certo?

— Claro - eu digo — sacos pretos sobre sua cabeça e outras coisas.

— Eu não sei, mas a última coisa que eu quero é que o meu filho acabe com problemas, porque estava investigando em torno de coisas que ele não deveria. É ruim o suficiente Sarah estar envolvida com este menino. A última coisa que eu quero é que você se envolva com ele também.

— É claro - eu digo.

Ele pega o garfo e continua comendo, mas minha cabeça gira. Sarah estava envolvida com este menino. É não o fato de que isso é verdade que faz meu estômago cair, é que o meu pai sabe. Eu atormento meu cérebro, tentando pensar em um momento em que eu poderia ter mencionado que Sarah e John estavam namorando, ou até mesmo depois que tudo que aconteceu, mas eu não consigo pensar em um. Falando sobre um cara que chutou a minha bunda e roubou minha namorada não é exatamente o tipo de coisa que eu conversaria com a minha família. Se o meu pai sabe que Sarah estava "envolvida" com John, está a parte da investigação. Significando que o FBI e quem mais estejam em Paradise agora deve saber também.

— Você tem outra carta do Estado de Ohio, hoje - Nana diz no que ela tenta forçar uma segunda rodada de purê de batatas para mim.

A coisa agradável sobre a vida em uma cidade pequena é que, se a sua casa pegar fogo, o carteiro pode provavelmente ainda encontrá-lo.

— Eu vou olhar isso mais tarde.

— Assim como as cartas de outras faculdades você disse que iria olhar, né? — diz meu pai. — As que se acumularam em sua mesa? Eu fui e olhei-as, e a metade delas nem sequer foram abertas ainda.

— É só que - eu começo, mas ele não deixa.

— Jesus, Mark. Você tem alguma ideia de como você é sortudo? Você tem alguma ideia de como muitos outros garotos se matariam para ter faculdades brigando por você? Para terem nem a metade da bolsa de dinheiro que alguns desses lugares estão oferecendo-lhe apenas fazer o que você ama? Para jogar futebol? Como você é ingrato...

Ele continua, mas eu paro de prestar atenção. Quando penso sobre o quanto difícil e chato eu pensei que o processo de inscrição seria para faculdades, eu me sinto como um idiota. Mas foi a coisa mais importante na minha vida naquele momento, tentando decidir se respondo ou não todas as cartas de recomendações. Agora eu percebo que há muitas coisas maiores para se preocupar. Papai continua falando. Ele é normalmente um cara muito legal. Bom para nós. Sempre lá quando eu preciso dele. A única coisa que ele não gosta, porém, é quando ele se sente inútil. Quando as coisas são tomadas fora de suas mãos ou quando uma jurisdição é cortada fora. Então ele fica irritado e começa a tornar-se um verdadeiro idiota em casa.

Eu acho que é algo que devo ter herdado dele.

CAPÍTULO CINCO

ALEX DAVIS ME MANDA UM SMS DEPOIS DO JANTAR. Ele é um wide receiver do time, um ano mais jovem que eu, que fazia parte do grupo que eu andava na Paradise High. Aparentemente seus pais estarão fora da cidade nesse fim de semana, e ele planeja dar uma festa. Todos que conhecemos estarão lá. "Sem fogo lol", ele diz. Eu mando um SMS para Sarah perguntando se ela quer ir, mas ela diz que não, como eu esperava. Convidar ela só foi um gesto impulsivo. Nem um de nós, na verdade, está com vontade de ir a festas. Pegue qualquer sexta-feira dos anos anteriores ao ataque Mogadoriano em Paradise, e eu estaria com amigos – talvez com Sarah – festejando na casa de alguém ou numa clareira na floresta que iríamos fazer com os nossos carros. Mas agora, eu não vejo motivo. Está havendo uma *guerra alienígena* que pode estourar a qualquer momento. Quando isso acontecer, eu não quero estar me recuperando da minha terceira *Keg Stand*.

Meus amigos – os do time – me incomodam muito sobre meu novo estilo de vida social no começo. Então eu disse a amiga de Sarah, Emily, que eu estava evitando festas desde que minha casa pegou fogo. Isso não é totalmente verdade, mas Emily meio que fofocou, e pouco depois ninguém mais me falava merdas sobre ficar em casa e não ir a festas. Ou pelo menos, a maioria das pessoas parou.

Eu respondo Alex dizendo que fica pra próxima e ele me chama de putinha, e por um minuto e meio eu penso em ir lá para chutar sua bunda e lembrar ele qual de nós era o MVP, mas então eu decido apenas colocar meu celular no silencioso e subo para o andar de cima.

Meu quarto aqui na casa costumava ser o escritório do meu avô antes dele morrer. Pelo menos, todos chamavam de "escritório". Na verdade, era o lugar onde minha avó guardava livros antigos e coisas da marinha, coisas do tipo. Mas tem uma mesa e um sofá lá, o que é tudo que eu realmente preciso.

A primeira coisa que eu faço quando eu sento-me à mesa, é visitar esse blog que eu comecei a seguir, chamado "Alienígenas Anônimos" – eu entrei nele sem querer, alguns dias depois da batalha na escola, e apesar do seu nome idiota, se tornou bem interessante. Um dos administradores – um cara que usa como apelido o nome GUARD – postou uma história de um jornal local e escreveu bastante sobre como a destruição da escola seja uma cobertura de atividades alienígenas. No começo, eu cheguei a pensar que GUARD morasse aqui perto, mas o acontecido em Paradise foi apenas um dos vários relatos que ele tem postado que têm ligações com aliens. Nesse caso, pelo menos, ele pressupôs corretamente. Ele até fez uma menção de que "John Smith" que todo mundo continuava a dizer que era o culpado, provavelmente nem era desse mundo.

Procurando nos arquivos do blog, eu encontrei algumas histórias que me pareceram não ter conexão com os Lorienos nem com os Mogadorianos. O blog é composto mais de postagens que parecem que elas pertencem àqueles tipos de revistas da banca como "Elvis ainda Vive!" – mas algumas delas parecem verdadeiras – ou pelo menos elas parecem ser verdades, julgando o que eu tenho visto. Eu sabia que eu poderia ajudar o blog dizendo-lhes sobre um pouco do que eu sei, e fazendo isso talvez eu pudesse conseguir ajuda deles para encontrar pistas de onde Sam, John e a Garota Invisível possam estar agora.

Então, depois de procurar pelo blog por um tempo, eu contei GUARD e disse a ele que eu era de Paradise e que eu achava que ele poderia estar certo. Recebi alguns emails dele que estavam cheios de instruções que ele fez e que me fez perguntar se eu estava lidando com algum tipo de lunático louco que usa um chapéu fino de alumínio – um guia de como esconder meu endereço de IP, senhas para acessar partes restritas do blog, regras de como e quando eu poderei contatá-lo – mas depois de um tempo começamos a nos conhecer – e eu acho que comecei a confiar nele, porque antes de tudo eu contei pra ele o que aconteceu naquela noite na escola.

GUARD não sabe de *tudo*, afinal. Eu vi muitos especiais no jornal para perceber que eu deveria perguntar a identidade de qualquer um que eu faça contato na internet, especialmente agora que eu sei que os Mogs farão qualquer coisa para encontrar John e os outros. Eu não contei meu nome pra ele ou coisa do tipo. Apenas que eu vi coisas que me tornou um acreditador nessas coisas. No blog, eu uso o nome de JOLLYROGER182, o qual eu roubei dos ossos cruzados da bandeira dos Piratas de Paradise, e de algumas coisas da marinha que era do meu avô, que eu

encontrei aqui em cima. Ele foi parte da 182^a Luta da marinha. Eu me pergunto o que ele diria se eu lhe dissesse que estava me preparando para uma guerra que pode acontecer um dia na Terra.

Há mais duas pessoas que visitam o blog regularmente, ou “editores”, que é como nos chamamos. Normalmente leva muito tempo para se conseguir esse título, mas eu devo realmente ter convencido GUARD de que eu era legitimo, porque ele me deu acesso total ao site rapidamente. Os outros são legais e tudo, mas GUARD é o administrador principal, e é o cara que está mais sério sobre tudo o que está havendo.

Estou feliz de encontrá-lo online. Começamos a conversar imediatamente.

JOLLYROGER182: eaí cara, blz?

JOLLYROGER182: alguma nova hj?

GUARD: Eaí, JR. Ainda tentando encontrar sentido naquilo em TN.

GUARD está convencido de que uma tempestade fora do normal no Tennessee (TN) foi causada pelo poder de um dos lorienos, mas não tivemos sucesso em rastrear nenhuma evidência. A história surgiu de um oficial da polícia que havia bebido muito uísque em uma noite e começou a gritar para todos em um bar sobre como umas crianças mágicas com o poder de controlar tempestades que estavam em todo o estado, e de alguma maneira isso virou manchete do jornal local. Eu liguei para saber se poderia falar com o oficial, fingindo ser um oficial do Departamento de Polícia de Paradise, mas eles me disseram que o cara havia sido transferido para outro distrito, e que eles não poderiam passar minha ligação a ele. Eu tenho uma suspeita de que seja uma versão do FBI, enviar um cão para uma fazenda no norte do estado, o que provavelmente indica que foi John e os outros que fizeram isso do que qualquer outra coisa.

JOLLYROGER182: quer que eu investigue +? Posso tentar ligar dnv

GUARD: Não. Olha isso. Parece familiar?

Ele me envia um link para um post de um diário online. Ele pertence a uma garota chamada Meredith que mora em Miami. Começa bem triste – os pais delas pensam que ela está usando drogas, e tem internado ela em instituições de recuperação – e eu posso imaginar no que GUARD esteja interessado. Então, depois de alguns parágrafos, eu chego no que ele está falando: a razão pela qual seus pais acham que ela esteja nas drogas é porque ela diz que viu um garoto qualquer nas ruas de Miami usando o que ela descreve como “poderes mentais” para empurrar ela e seu namorado contra uma parede em uma cafeteria, e mantendo ele pairando no ar por alguns momentos.

GUARD: O que você acha? Telecinese?

GUARD: Poderia este ser seu amigo? A data estampada no diário é de ontem, mas ela não diz quando o acontecimento da cafeteria ocorreu.

JOLLYROGER182: pera aí

Por sorte, a garota listou as instituições as quais seus pais a internaram e colocou seu *nome completo*. Não é exatamente a coisa mais apropriada para se colocar na internet, mas boa para mim. Eu olho o nome do hospital e ligo para lá.

— Oi – eu digo quando uma mulher atende. — Estou tentando entrar em contato com Meredith Harris.

— Um minuto, a mulher diz. Eu posso ouvir o barulho das chaves ao fundo por alguns momentos antes da mulher falar de novo. — Oh, me desculpe senhor, mas a Sra. Harris teve alta alguns dias atrás.

— Oh, hum... – eu digo, procurando minha próxima pergunta. Eu percebo que deveria ter planejado isso antes de fazer a ligação, mas agir depois de pensar não faz meu estilo. Eu sigo meu instinto.

— Hum, isso não pode estar correto - eu continuo. Na minha tela do computador, eu vejo a data da publicação, e alguma coisa vem a minha mente: *será fácil descobrir se foi o John em Miami se eu souber quando essa galinha foi internada.* — Talvez eu tenha ligado para o número errado. Quando Meredith foi internada?

— Bem... – a mulher diz. Posso dizer que ela está hesitante em me dar qualquer informação.

— Por favor, senhora, ela é minha irmã. Apenas estou tentando saber onde ela está de fato.

Eu devo ter inventado a história perfeita, porque ela me dá uma data – uma que põe Meredith Harris indo para o hospital no mesmo tempo em que eu estava tentando rastrear o traseiro de John pelo país. Eu agradeço a mulher que está do outro lado da linha e desligo, e então volto a falar com GUARD.

JOLLYROGER182: Nada novo. Eu liguei pro hospital. A garota foi internada quando John Smith ainda estava aqui.

GUARD: Talvez o incidente tenha ocorrido antes de ele ter ido a Paradise?

JOLLYROGER182: eu não acho que ele tenha ganhado os poderes até ele estar aqui

Pelo menos, isso foi o que John disse a Sarah. De todas as nossas conversas sobre os Lorienos e os Mogadorianos, eu passei, a saber, basicamente tudo que ele contou pra ela sobre ele mesmo.

GUARD: ah, ok. Talvez seja outro lorieno, então.

JOLLYROGER182: deve ser um idiota implorando para virar comida de Mogs.

GUARD: muita coisa aconteceu esses dias. Um monte de atividades estranhas.

GUARD: Eu tenho pressentimento de que tudo acontecerá brevemente. Não acha?

Eu odeio concordar com ele.

Eu navego pela internet mais um pouco antes de chegar a noite, meus olhos estão cansados, dor de cabeça querendo começar. Eu deito na cama e penso na mesma cena que tem sido revista na minha mente milhões de vezes desde que tudo ficou uma loucura. Não é nem um dos momentos mais estranhos, como quanto um merda de lagarto gigante nos atacou ou quando o cachorro de John se tornou um dragão ou coisa do tipo. Ou quando os camaradas alienígenas se tornaram *cinzas* após serem mortos. Foi quando eu estava na casa do John.

Foi quando eu descobri que aliens existiam.

Eu tinha ido à casa de John para perguntar sobre o vídeo. Aquele vídeo *estúpido* que alguém havia gravado no celular, do John voando como o super-homem da minha casa em chamas, Sarah e os cachorros com ele. E eu acabei no meio de uma briga entre ele e o cara que eu achei que era o pai dele, Henri. E então coisas estranhas aconteceram rapidamente. Henri parou de se mover, como se ele estivesse sido congelado no lugar, o que agora eu sei que era o John usando telecinese. Eles estavam falando sobre Sarah estar em problemas, e então o John tinha simplesmente sumido. Correndo, eu suponho, para a escola.

Depois que ele saiu, Henri pôde se mover novamente. Eu estava furioso porque ninguém estava respondendo minhas perguntas, mas eu não pude evitar ficar chateado pelo garoto. Ele parecia que ia explodir de todas as maneiras possíveis. Eu continuei fazendo perguntas, mas ele continuou me ignorando. Ele correu para outro cômodo. Quando ele voltou, ele estava carregando uma arma e sua caixa com todos os tipos de símbolos estranhos cravados nela. Eu poderia dizer que ele estava em uma missão pelo jeito que ele foi para a caminhonete. Eu fui mais rápido que ele, contudo, e me sentei no banco do passageiro. Eu precisava saber o que estava acontecendo.

Principalmente se Sarah estivesse envolvida.

— Eu não tenho tempo para lidar com você — Henri disse enquanto se jogava dentro da caminhonete — Fora!

O que eu deveria fazer? Como eu deveria reagir?

— Se Sarah está correndo perigo, me leve até ela — eu disse. — Não importa nada — e eu falei sério. De repente, aquilo era tudo que importava.

Henri deu uma boa olhada pra mim antes de ligar a caminhonete. Depois que saímos da garagem, ele empurrou a caixa no meu colo.

— O que é isso? — eu perguntei.

Henri apenas move a cabeça.

— Garoto, você tem muito a aprender nos próximos cinco minutos.

E então tudo virou um inferno.

Deitado na minha cama na casa de Nana, eu penso sobre essa interação, me perguntando por que eu entrei na caminhonete pra começo de conversa. Eu não sei, mesmo. Revendo isso, eu deveria ter ligado para o meu pai. Ou ter deixado Henri ter ido sozinho. Ou as outras várias opções que não teriam me colocado no território dos Mogs. Mas alguma coisa me disse para ir com ele. Estou grato por ter ido. Quero dizer, eu salvei John aquela noite, e provavelmente Sarah também.

Mas uma pequena parte de mim deseja que eu nunca tenha entrado naquela caminhonete. Que Henri não tivesse me contado sobre a guerra em que estávamos nos dirigindo — uma batalha na Terra entre duas raças alienígenas.

Uma parte de mim queria que eu tivesse fugido. A vida seria muito menos complicada com essa opção.

CAPÍTULO SEIS

NA MANHÃ SEGUINTE EU ME DOU CONTA QUE preciso contar a Sarah que o FBI e a polícia sabem sobre ela e John. Nós assumimos que eles saberiam, mas cada peça concreta de informação que nós conseguimos encontrar, nos ajuda a criar uma coisa clara do que está acontecendo. E eu quero contar a ela sobre as coisas que eu venho pesquisando com GUARD. Eu apenas comentei sobre “Alienígenas Anônimos” uma vez de forma abstrata, mencionando artigos que eu encontrei online, mas não disse que agora eu sou uma parte de um blog gigante de nerds sobre conspiração alienígena. Talvez hoje seja o dia de contar a ela.

Ela concorda de me encontrar na hora do almoço, e na hora que eu chego à pizzaria na esquina da rua do centro, ela já está lá.

— Hey – eu digo, enquanto sento em sua frente. Ela olha para mim com preocupação, seus olhos olhando nervosamente ao redor. Estou confuso. — Se você não quiser pizza, podemos comer em outro lugar.

— Não – ela diz, forçando um sorriso. — Só estou tendo um dia estranho.

— Quão estranho?

— Há uma mulher ruiva com um terno preto sentada atrás de mim? – Sarah sussurra.

Eu junto minhas sobrancelhas, confuso, e então olho por cima dos ombros dela. Com certeza, há uma mulher ruiva com roupas pretas tomando um café sozinha e lendo de um tablet eletrônico algumas mesas adiante.

— Tem sim, por quê.

Sarah expira fundo, inspira, balançando a cabeça.

— Fomos jantar fora ontem à noite, e ela estava lá. Essa manhã eu saí para uma corrida, e ela estava me seguindo, e agora ela está aqui.

— Merda! – eu murmuro. — Bem, aqui vai o que eu tenho pra te dizer.

— O que quer dizer? – ela se endireita na cadeira, preocupada.

— Apenas que o meu pai acabou de mencionar que o FBI sabia que você tinha ligação com John de algum jeito. Eu não imaginei que eles já estavam te seguindo.

— Drogas! – ela diz.

Nós ficamos sentados sem falar nada por alguns minutos, tentando descobrir o que faremos agora. O silêncio é finalmente quebrado quando uma garçonete chega para anotar nosso pedido.

— Hey, Mark – ela diz gentilmente. Eu já comi pizza o suficiente aqui em toda minha vida para receber status do hall da fama. Ela me conhece bem. — O que deseja?

— Hey. Ah, bem, quero uma média metade carne, metade vegetariana - Um antigo pedido meu e de Sarah. — Quero também um refrigerante.

A garçonete sorri para mim e se vira para Sarah. Ela sorri com sarcasmo de um jeito que deixa claro que ela quer que Sarah note.

— Quer alguma coisa? – ela pergunta, com um tom de voz diferente.

Essa é a vida de Sarah agora – a namorada louca do garoto-bomba. Eu quero causar uma cena, mas me seguro, porque aparentemente já estamos chamando muita atenção apenas com isso. Sarah vira a cabeça e encara a garçonete, dando a ela um olhar que eu reconheço. Eu já o recebi muitas vezes, também – o tipo de olhar que faz com que seu rosto pareça que vai derreter.

— Refrigerante diet, madame – ela diz, enfatizando a última palavra.

A garçonete vira os olhos e sai. Sarah apenas respira fundo.

— Caramba, algumas pessoas... – eu digo.

— Não são *algumas* pessoas. São *todas* as pessoas. Quero dizer, metade da cidade acha que eu sou uma vadia terrorista. Mesmo que eles não digam, você deveria observar as olhadas que eu recebo. E sem contar as pessoas que estão me seguindo.

— Okay, então, o que faremos agora? Fugir daqui e tentar encontrar John e os outros? Eu vou junto se você quiser. Drogas, eu dirijo.

Eu não tenho vontade alguma de sair numa caçada aos Lorienos, mas se Sarah quiser ir, eu não vou a deixar ir sozinha. E eu tenho que admitir que a ideia de uma viagem com Sarah me atrai – mesmo se for para *encontrar* seu namorado alienígena.

— Como poderíamos encontrá-los? – ela pergunta.

— Na verdade – eu digo, abaixando meu tom de voz – eu tenho meio que feito umas pesquisas sobre... bem, você sabe. Tudo. Há outras pessoas lá fora que sabem sobre essas coisas. Pessoas como Sam, cujo resto de nós pensamos que era loucura. Eu estive falando com alguns deles, e eu acho que a gente descobriu um pouquinho mais sobre o que está acontecendo.

— O que quer dizer? – ela diz, se animando. — Que tipo de coisa?

— Bem, agora que eu vi John e Seis em ação, eu meio que percebi o que você tem que procurar. Teve uma garota em Miami que viu seu namorado ser levitado por telecinese. Não foi o John, mas deve ter sido um dos outros iguais a ele. Talvez alguém que tenha contato com John. E um dos outros *bloggers* tem observado um garoto na Índia que alguns locais consideram como um deus.

— Tá, mas como você tem certeza de que esses *bloggers* e as pessoas sobre quem eles escrevem não são loucos?

— Então, um dia ou dois depois que John e os outros deixaram Paradise, um oficial da polícia no Tennessee parou alguns jovens suspeitos que estavam dirigindo um carro, mas antes que ele pudesse prendê-los, algum tipo de vendo sobrenatural basicamente o soprou do caminho deles – Sarah ergue as sobrancelhas, um pingo de esperança nos seus olhos — Parece familiar?

— Seis.

— É isso que eu acho.

Ela sorri, mas é só por alguns instantes, até a realidade tomar conta novamente.

— Eles podem estar em qualquer lugar agora – ela diz.

— Eu sei.

— Então não há lugar algum para que possamos começar nossa busca.

Nós fazemos uma pausa enquanto a garçonete volta e entrega nossos pedidos, colocando os meus a minha frente, então ela se vira e tromba em Sarah, espirrando algumas gotas do refrigerante diet por cima do copo. Ela sai sem dizer nada.

— Nós podíamos ir mesmo assim – eu sugiro, tentando não parecer extasiado com a ideia de todo esse tempo sozinho com Sarah. — Vamos sair dessa cidade e deixar que tudo aconteça.

Ela me dá um pequeno sorriso e mexe a cabeça.

— Minha família... – ela diz, mas eu posso dizer que eu exagerei meus limites na mente dela e estou parecendo muito com um ex-namorado que está tentando tirar a parte do “ex”. — E outra, se John voltar procurando por mim, ele ficaria arrasado se eu não estivesse aqui.

— Ele seria um *idiota* em voltar a Paradise – eu murmuro. As palavras saíram sem que eu pudesse para-las, então eu tento explicar. — Quero dizer, com todos esses homens de preto andando por aqui.

Como se ela tivesse ouvido isso como uma sugestão, a mulher ruiva se levanta e começa a andar. Ela desliza na cadeira ao lado de Sarah. Antes que eu possa reagir, há outro homem de preto sentando do meu lado – um homem que parece que tem uns vinte anos, com pele oliva e cabelo preto curto.

Estamos encurrallados nas cadeiras.

— O que é? – eu começo.

— Você é Mark James – a mulher ruiva diz. — O filho do xerife. E você é Sarah Hart.

— Quem é você? – Sarah diz.

— Meu nome é Agente Walker, do FBI, e esse é meu companheiro, Agente Noto. Espero que não se importem de nos juntarmos a vocês.

— Nós nos importamos – eu digo, estreitando os olhos.

Agente Walker sorri. Noto não tem dito uma palavra ou feito nada além de olhar para frente e para trás entre Sarah e eu. Eu me pergunto o quão perto ele estava de nós. Será que ele me ouviu falar sobre o blog? Será que ele sabe sobre o que estávamos falando?

— Estamos apenas tentando descobrir o que aconteceu com John Smith na cidade. Como vocês provavelmente sabem, ele é uma pessoa de alto interesse. Há muitas recompensas generosas que estão sendo oferecidas por qualquer informação sobre sua localidade - Ela torna sua atenção a mim. — Eu sinto muito por ouvir o que aconteceu na sua casa, a propósito. Mas eu tenho certeza que o dinheiro da recompensa ajudaria muito na reconstrução.

Essa mulher está *mesmo* tentando me persuadir a contar algo sobre John?

— Além disso, foi dito que o fogo começou em uma festa que você estava dando — ela continua. — Tenho certeza de que você se tem perguntado como você pode melhorar a situação com seus pais depois de uma situação como aquela.

Minha boca se abre um pouco, e eu sinto como se tivesse sido socado no intestino.

— Você tem me seguido — Sarah diz, mudando de assunto. — Eu te *vi*.

— Claro que você me viu — a mulher diz. — Nós queríamos que vocês soubessem que estamos aqui, mantendo a cidade a salvo.

— Você esteve me seguindo — Sarah diz, friccionando seus dentes um pouco.

— Estou apenas fazendo meu trabalho garantindo seguir todas as pistas.

— E você acha que Sarah é uma pista? — eu pergunto.

— Nós achamos que você sabe mais sobre John do que possamos imaginar — Walker nunca tira seus olhos de Sarah. — Você estava namorando ele. Você deve ter alguma informação que seria relevante para nossa investigação. Alguma coisa que poderia nos ajudar a decifrar exatamente o que aconteceu na sua escola.

— Eu mal o conhecia — Sarah diz, olhando para a mesa. — Não estávamos namorando.

— Nós vimos um vídeo que parecia que ele estava voando da sua casa em chamas — a mulher diz para mim. Ela torna a olhar para Sarah. — Ele estava te carregando.

Sarah sorri.

— É loucura o que você pode fazer com uma câmera e algumas horas no computador, não é? — ela pergunta.

— Sam sempre foi bom nessas coisas em suas apresentações na escola — eu completo. — Ele provavelmente fez aquele vídeo.

Sarah me chuta por baixo da mesa. Eu não entendo até a agente sorrir.

— Samuel Goode. Sua mãe, Patrícia Goode, é uma enfermeira. Seu pai é Malcolm Goode, um... — ela pausa por um momento antes de sorrir. — Seu paradeiro é desconhecido. Sam não esteve em casa depois daquela noite também. Sua mãe está preocupada com ele. Seria legal ela ter uma certeza de que seu filho está vivo.

— Sam está... — Sarah começa, mas então para. Eu reconheço o olhar em seu rosto. Ela está tentando conectar todas as coisas e cuidadosamente nos fazer dizer o que ela quer.

Falar cuidadosamente nunca foi do meu gênero.

— Sam Goode é um idiota que vive de conspirações — eu digo, encostando-se à minha cadeira. — Aquele imbecil veste a mesma camisa da NASA todos os dias da semana. Vocês deveriam ouvir sobre o que ele fala. Aliens. Os Illuminati. Pessoalmente, eu acho que essa é a maneira que ele usa para chamar atenção das pessoas, quando toda a atenção vai para mim e para meus colegas de time. Ele provavelmente se encheu e foi embora, usando o acontecimento da escola como uma desculpa. Ele é inteligente, mas também é um completo covarde. Confie em mim quando eu digo que ele não pode nem se defender em uma luta. Nunca seria um terrorista. Se você me perguntar, ele provavelmente está caçando o Pé Grande em alguma floresta por aí. É onde eu tentaria encontrá-lo, pelo menos.

Eu tomo um pouco do meu refrigerante e olho para Sarah, quem está olhando para mim com uma mistura de desgosto e confusão. Eu dou um pequeno chute nela por baixo da mesa, e ela sorri um pouco.

Eu aproveito a chance e me debruço sobre a mesa, segurando a mão de Sarah. Elas são macias e tremem um pouco. Eu tenho que mantê-los contra a vontade deles de ficar.

— Não é isso, bebê? — eu pergunto, fazendo o melhor sorriso que posso.

— Isso provavelmente é verdade — ela murmura.

— Bem, isso é bem *esclarecedor*, Sr. James — agente Walker diz.

— Acho que estou pronta para ir agora — Sarah diz, saindo de perto de Walker.

A agente não se mexe.

— Mas você não terminou de comer ainda — ela diz. Agente Noto ainda não fez nada além de respirar o mais rápido que eu possa imaginar.

— Eu estou sem fome — Sarah diz.

— Porque não conversamos mais um pouco?

— Você não está nos acusando ou coisa do tipo, está? — eu pergunto.

— O que teríamos para acusar vocês? — Walker diz com um sorriso muito forçado.

— Nada — eu digo, dando de ombros. — Eu só sei que vocês não podem nos manter aqui a não ser que vocês realmente vão nos prender ou coisa do tipo. É assim que meu pai sempre diz que funciona a lei.

Walker dá algumas risadas curtas, que parecem dizer: “como é fofo o jeito que você pensa que as coisas funcionam por aqui” — Ainda sim, ela se levanta. Agente Noto a segue.

— Se por acaso você lembrar-se de alguma coisa — Walker diz, tirando um cartão do bolso do seu terno, e entregando a Sarah — nos chame. Estaremos em contato.

Como um flash, Sarah levantou da cadeira e foi para a porta. Demora um pouco para eu sair, e Walker para em minha frente quando eu levanto.

— Essa garota é problema — ela diz, ainda segurando o cartão — Não a deixe te levar junto com ela.

Nós nos encaramos por alguns momentos. Seu olhar é intenso. Finalmente, eu pego o cartão e o coloco no meu bolso, e então saio. No caminho, a nossa garçonete me para com a pizza.

— Hey, onde pensa que vai? — ela me pergunta, claramente irritada.

Eu aponto para Agente Walker.

— A ruiva cuida do lanche — eu digo. E então eu saio.

CAPÍTULO SETE

SARAH ESTÁ ESPERANDO POR MIM NA CALÇADA algumas lojas abaixo. Quando eu me aproximo, ela começa a andar rapidamente, e eu tenho que correr um pouco para alcançá-la.

— O que foi aquilo? — ela pergunta.

— Você terá de ser um pouquinho mais específica — eu digo.

— Todas aquelas coisas sobre o Sam, pra começar.

— Eu só estava tentando me livrar, se eles já não tivessem pensado que ele estava com John depois de eu estupidamente ter dito o nome dele. Estava tentando despistá-los.

— Okay, então sobre segurar minha mão. Que foi aquilo?

Eu paro e me viro para ela. Estamos na esquina. O vento sopra o cabelo dela para frente e para trás sobre seu rosto, e parece que lágrimas vão cair dos seus olhos a qualquer momento. Eu não tenho dúvida de que os agentes ainda estão nos observando, então eu dou um passo para o lado para ter certeza de que eles não podem ver o rosto dela de dentro da pizzaria.

— Sarah, se eles pensarem que você é a namorada ele, eles vão continuar a te seguir — eu digo, calmamente. — Você sabe disso. Eu só estava tentando despistá-los de você *também*.

— Eu posso me cuidar — ela diz.

— Eu sei que pode. Mas você não deveria precisar. John não deveria ter..

— Eu sei — ela me interrompe. — Acredite em mim, eu sei. Eu sei muito bem qual é a situação disso tudo. De tudo. E se tivesse algum dia que eu poderia arrumar tudo isso, eu arrumaria. Eu meio que queria que John fosse preso porque pelo menos eu saberia onde ele está, e que está a salvo.

O vento assobia enquanto estamos parados, sem falar nada. Eu quero abraça-la — tocá-la de qualquer maneira — e demora muito para meu desejo me lembrar, de que se eu enlouquecer Sarah, eu vou perder a pessoa que eu me preocupo, e a única pessoa como quem eu posso falar sobre o que está acontecendo. Tirando o monte de pessoas aleatórias online que são provavelmente homens velhos morando no porão da casa de suas mães e sobrevivendo de cafeína e batatas-fritas.

Além disso, eu já fiz coisas demais hoje.

— Sam não acredita no Pé Grande — Sarah finalmente diz com um sorriso. — Já falamos sobre isso antes. Sem caçada de Pé Grande para ele.

— Nesse ponto, eu tenho certeza de que *eu não* acredito no Pé Grande — eu digo.

Isso a faz sorrir um pouco, o que me faz sorrir também.

— Eu não sei. Eu acho que acreditaria em Sam sobre isso. Ele estava muito a frente de nós sobre essas coisas de alienígenas. Ele provavelmente sabe mais sobre a história de John do que o próprio John.

Isso é verdade. É uma coisa que me faz pensar: O que Sam sabia? Como ele descobriu essas coisas? E ele deixou algum arquivo?

— Eu tenho que sair daqui — Sarah continua.

— Okay, onde você quer ir?

Sarah balança a cabeça.

— Eu só quero ficar sozinha por um tempo — ela me diz, pegando suas chaves no bolso.

— Tem certeza de que essa é uma boa ideia? — eu pergunto. — Eu posso ir junto se quiser. Ou podemos ficar em algum lugar público onde ninguém pode pegar você.

— Obrigado, mas eu ficarei bem. Além disso, meus irmãos estão em casa nesse fim de semana, e não tem nada mais do que eles amam fazer do que se sentir durões e proteger a irmãzinha deles. Nos falamos mais tarde, ok?

— Tá certo — eu digo.

Eu a observo ir embora para ter certeza de que ela chega ao seu carro bem. Ela só está alguns metros abaixo na rua quando o sentido volta para mim e eu começo a colocar as coisas em ordem, sobre como estranho foi o encontro na pizzaria. Agente Noto estava sentado atrás de mim.

Isso significa que eu estava sendo seguido também?

Eu dou uma volta na nossa pequena cidade, mais para tranquilizar a cabeça, porém também para manter os olhos sobre meus ombros para ver se tem algum tipo de perseguição a mim fingindo ler uma revista ou coisa assim. Mas não há. Pelo menos ninguém que eu possa ver.

O cartão que a Agente Walker me deu não tem absolutamente informação alguma – há um número de telefone, que vai direto para uma gravação quando eu ligo de um telefone de Paradise. Eu não deixo mensagem. Invés disso, eu entro no “Alienígenas Anônimos” pelo meu celular e deixo uma mensagem para GUARD, contando a ele que eu tive uma conversa muito estranha com o FBI e que esse é o número de contato que eles me deram. GUARD é bom com coisas de computadores do tipo, então talvez ele possa usar para encontrar novas pistas ou coisa parecida.

Quando estou voltando para minha caminhonete, eu vou ao encontro de Kevin, um *offensive lineman* da escola. Ele é um cara gigante, com cabelos vermelhos no rosto que quase parece que ele é capaz de ter barba. Quase. Alguns dos outros caras do time estão com ele, mas eles o deixam liderar. Eu me pergunto aliviado se era assim que eu parecia quando andava pela cidade com essa posse.

— Caaaaaaaraa – ele diz quando em vê. Nós criamos uma série de apertos de mão. — Estábamos comprando hambúrgueres quando vimos você falando com Sarah na esquina. Pareceu bem intenso. O que está havendo entre vocês dois, está na mira agora que o homem-bomba foi embora?

Raiva cresce em mim, e eu posso sentir que meu rosto está ficando vermelho de raiva.

— Olha cara – um dos outros diz – ele está corando.

— Não fale de Sarah assim – eu digo.

Todos dizem “oooooooooooo” como se estivessem em um programa de auditório.

— Desculpe cara. Eu não percebi que vocês estavam tendo um caso.

— Não estamos – eu digo, tentando sorrir. Mas estou trabalhando nisso.

— Deve ser difícil passar a ser visto como um terrorista em segundos – Kevin diz com um sorrisinho. — Deve fazer você se perguntar o que ela viu num cara como ele.

Eu me movo sem pensar. Rapidamente tenho Kevin contra uma parede de tijolos, segurando ele pelos braços. Ele pode ser um gigante, mas eu sou rápido, e depois de anos de intenso treinamento e levantamento de peso, eu não sou exatamente *leve*.

Me sinto como se uma de minhas veias fosse estourar na cabeça. Já faz tempo que estive em um briga – uma *de verdade*. Desde que os Mogs invadiram a escola. E mesmo assim, eu passei a maioria do tempo me escondendo na sala de aula com Sarah. Parte de mim quer liberar Kevin, só que quero descontar o que sinto nele sobre toda a merda que está acontecendo. Mas eu não faço isso. Ele pode ser meio que um idiota, mas mesmo que tudo mudou pra mim, nada mudou pra ele.

A expressão de Kevin é de surpresa, para medo, para outra coisa – alguma coisa amigável. Alguma coisa de reconhecimento.

— Vejam só, caras. – ele diz, virando sua cabeça para os outros, que estão esperando por instruções. — Mark James VOLTOU.

Meu pulso acelera um pouco, e eu começo a me sentir na alta. Eu sorrio.

— John Smith pegou os *meus* segundos – eu digo – só estou pegando de volta o que é meu, pra começar.

Os garotos riem e olham para mim. Alguém grita “É Mark James, otários!” – um pouco alto demais, e ganhamos olhares de desaprovação de outras pessoas na rua.

— Estamos indo na casa do Alex para tentar acabar com o que sobrou da *Keg Stand*. Você vem ou o que? – Kevin pergunta.

— Vou sim, cara – eu digo, sem pensar muito nisso. Me sinto surpreendentemente bem por estar em volta dos meus antigos amigos.

Então eu sinto meu celular vibrar no bolso.

— Só um minuto - eu digo. — Digam a Alex que eu estarei lá mais tarde.

— Beleza – Kevin diz, e depois de uma série elaborada de cumprimentos, eles se vão;

Eu pego meu celular. Tem uma mensagem de GUARD:

Você já ouviu falar de uma tal de Agente Purdy?

CAPÍTULO OITO

EU PASSO O RESTO DA TARDE EM CASA no computador, conversando com os editores do blog. As tardes de sábado devem ser um dia preguiçoso para teoristas de conspirações, porque GUARD e esse outro editor chamado FLYBOY estão ambos online e querendo falar. FLYBOY parece ser legal, mas ele é muito mais cético sobre as coisas que eu GUARD falamos. O que é bom, eu acho – algumas vezes eu penso que precisamos ser pessoas racionais pra nos manter longe enlouquecer.

Descobri que GUARD ligou para o número que a Agente Walker me deu e ouviu a mesma mensagem de voz e não deixou mensagem. Alguns minutos depois, seu telefone tocou – mesmo que ele tenha bloqueado propositalmente seu número. GUARD atendeu porque ele não é tipo de cara que deixa as chances passarem. A pessoa no outro lado da linha continuava a perguntar como ele tinha conseguido o número, mas GUARD atuou bem e insistiu dizendo que sabia o que estava acontecendo em Paradise e exigia falar com alguém da liderança.

Finalmente, alguém o atendeu na linha, um cara do FBI chamado Purdy.

De acordo com GUARD, Purdy era um cara durão que parecia bem irritante e ansioso para desligar o fone até GUARD dizer que sabia sobre os Mogs. Isso, aparentemente, chamou a atenção de Purdy. Depois disso GUARD não quis falar mais nada, e Purdy não estava lhe dando nenhuma informação sobre o que o FBI sabia ou não sabia.

FLYBOY diz que isso não significa nada, mas eu penso o contrário: se esse Purdy trabalha pro FBI e reconheceu sobre o que GUARD estava falando, prova que o FBI *realmente* sabe o que está havendo.

A única questão então é o quanto eles sabem. E quem eles estão tentando ajudar.

Nós conversamos por algumas horas e tentamos descobrir alguma coisa sobre Purdy, mas tudo o que encontramos é uma foto de um homem grosso parado nos fundos de alguma cerimônia governamental. Não é muito para continuarmos. Não *há nada* para continuarmos.

Meu telefone vibra constantemente com mensagens dos meus amigos do time que estão na casa do Alex. Há cada vez mais erros de digitação nas mensagens deles ao que as horas passam. Finalmente eu desisto e vou para lá com meu cérebro cheio de conspirações governamentais e conclusões mal formadas que eu sinto que poderiam vazar pelos meus ouvidos. Quando digo ao meu pai que estou indo no Alex para sair com os caras, ele sorri.

— Bom saber que você está saindo desta casa e sendo um adolescente novamente – ele diz. — Pensei que você estava se tornando um solitário.

Eu dou de ombros e forço um sorriso, e saio antes que a conversa se aprofunde mais do que já tinha aprofundado. Estou quase fora da porta quando ele grita para mim.

— Minha caminhonete está parada atrás da sua. Vá com a minha, se não se importar – ele joga as suas chaves para mim.

— Claro – eu digo. O carro do meu pai, a coisa que ele gosta de dirigir quando ele está fora do distrito e quer ficar longe das coisas da polícia – é pequeno. É mais uma lata velha, mas eu não me importo porque não vou longe.

Eu fico de olho para ver se há algum carro me seguindo, mas não vejo nada. E também, são todas estradas vicinais da casa da minha avó para a casa do Alex, o que é tão clandestino quanto você estar em Paradise. Eu penso em ligar para Sarah e perguntar se ela quer ir, mas eu sei que ela vai dizer não. Especialmente desde que o FBI está de olho nela. (O FBI iria incomodar um bando de adolescentes bêbados?). Além disso, eu conheço os caras suficientes para saber que eles vão começar a falar coisas sobre eu e ela ou sobre ela e John, e a última coisa que ela precisa é ser assediada por um bando de jogadores de futebol bêbados.

Como esperado, todos no Alex estão tontos. Metade do time está aqui, e por um momento parece que poderia ser um sábado a noite qualquer dos anos anteriores. Ainda sim, eu passo as poucas horas que fico lá bebericando a mesma cerveja quente. Tenho que manter o juízo comigo. Ninguém parece notar que eu nunca precisei reencher o copo vermelho enquanto eu fiquei com ele, e que não estou bebendo com tanta frequência.

Quando começa a ficar tarde, eu vou para a caminhonete do meu pai. Eu não me incomodo em dizer tchau alguém – porque amanhã de manhã ninguém vai se lembrar da hora que eu saí, e eu vou receber uma ou duas mensagens falando sobre as ressacas e se perguntando se eu cheguei em casa bem. Eu estou prestes a funcionar o

carro quando eu percebo que há chaves extras aqui. Uma para a nossa velha casa. Outra para a casa da minha avó. E mais uma com borrachas sobre o topo, as chaves do quartel da polícia.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam quando eu considero as possibilidades do que isso pode significar.

Pelo o que meu pai me contou, o FBI basicamente está trabalhando dentro área da escola. Isso significa que a essa hora da noite só há uns dois oficiais no posto no quartel. Talvez mais alguns agentes. Mas eu sei muito bem qual caminho fazer até lá. Se eu fosse lá, eu poderia provavelmente descobrir algum jeito de passar da recepção e chegar até o escritório do meu pai, onde todos os tipos de arquivos devem estar. Mesmo se o FBI os pegou, deve haver relatórios iniciais no quartel. Qualquer que seja sobre o que o meu pai e os oficiais viram quando chegaram lá naquela noite.

Se eu pudesse por minhas mãos em um desses arquivos, talvez eles possam dar mais significado sobre a investigação. Eu dirijo para o quartel da polícia antes que eu possa desistir disso.

CAPÍTULO NOVE

TODD É O ÚNICO OFICIAL NO DISTRITO. Eu sou o cara mais sortudo vivo até ele rolar seus olhos e soltar um suspiro longo, enquanto eu entro.

— Vá para casa, Mark – ele diz, sem enrolação.

— Todd, cara, o que você tá fazendo aqui sozinho?

— Alguém mencionou que eu estava falando com os cidadãos enquanto estava de plantão ontem, e então me transferiram para o turno da noite. É por isso.

— Oh – eu digo. *Oops*.

— E, houve algum tipo de incêndio elétrico na periferia da cidade e todos foram para lá. Ele respira e contorce um pouco o nariz. — Jesus. Você está com cheiro de álcool.

Eu não estou surpreso. A casa de Alex cheirava como se tivesse sido banhada com cerveja. Ainda sim, esse incêndio é novidade pra mim.

— Eu só estava em uma festa – eu digo, dando de ombros. — Alguém deve ter espirrado algo em mim. Sabe como é. Você me contou sobre as festas épicas que vocês costumavam dar quando estava no time.

Todd dá um sorriso enorme e começa a contar uma história que eu ouvi mais de cem vezes sobre como ele bebeu toda a cerveja debaixo de uma mesa na floresta no seu aniversário de dezoito anos. Eu sorriso e digo a mim mesmo que eu nunca vou ser igual esse cara quando eu ficar mais velho. Se os humanos não virarem escravos de alienígenas ou coisa do tipo até lá.

Finalmente ele acaba.

— Cara, isso parece tão louco – eu digo, forçando um sorrisinho. — Estou com inveja. De qualquer jeito, eu só vim para pegar algumas coisas que meu pai deixou para mim no escritório dele.

Todd assente e aponta para a porta do escritório do meu pai, ainda rindo de suas memórias.

Eu destranco a porta com as chaves de meu pai, e em silêncio, fecho a porta. O lugar está uma bagunça de papéis espalhados sobre a mesa aleatoriamente. Eu começo a procurar entre as pilhas, mas depois de alguns minutos de procura, tudo o que eu encontro são violações no transito de semanas atrás e uma quantidade sem fim de papéis que não estão relacionados com John ou com os Mogs. Então eu percebo que é óbvio que essas coisas não estariam jogadas por aí, e eu uso uma das chaves menores para abrir uma das gavetas da mesa do meu pai. Depois de olhar em algumas pastas, eu encontro a que estou procurando: PARADISE HIGH SCHOOL.

Sim.

O primeiro arquivo que eu pego está cheio de relatórios iniciais e sigilosos das primeiras pessoas que reportaram. Eu o coloco em cima da mesa para olhar depois. O segundo arquivo é a sorte pura: uma página cheia de fotos da escola destruída. As trincheiras cavadas no campo de futebol e os buracos enormes eu reconheço. Capsulas de balas de arma de fogo estão juntadas em uma classe de aula em que ficamos por alguns instantes. O auditório destruído. Tudo aponta para o fato de que isso talvez seja algo maior do que alguns adolescentes invadindo uma escola.

Meu pulso lateja enquanto eu pego meu telefone e começo a tirar foto das imagens. Eu posso postá-las no blog mais tarde. GUARD e os outros vão enlouquecer quando verem essas merdas. Eu olho as fotos o mais rápido que eu posso, tirando foto de todas. Meu cérebro está tonto, e eu posso ouvir o meu sangue latejar nos meus ouvidos.

Talvez seja por isso que eu não ouço ninguém entrar.

Alguém puxa o colarinho da minha camisa e da jaqueta. Eu viro para trás, e a surpresa me faz derrubar o celular. O arquivo com as fotos cai no chão. E espero estar olhando para um Mogadoriano, ou um dos agentes.

Mas é pior que isso.

É meu pai.

— Que *diabos* você pensa que está fazendo aqui? – ele grita.

— Pai, eu estava...

— Você tem ideia da grandeza do problema se você tivesse sido pego por outra pessoa aqui? O tamanho do problema que *eu estaria*?

— Pai me deixe...

— Isso é um problema da segurança nacional, Mark. Quero dizer, Jesus.

Ele me empurra para trás com força. Eu tropeço nos meus pés e caio no chão duro enquanto meu pai pega meu telefone. Ele mexe nele, automaticamente deletando todas as fotos que eu tirei me xingando o tempo todo. É então que eu percebo o quanto estranho ele estar aqui com o uniforme tão tarde. Qualquer coisa que causou o incêndio essa noite, foi algo muito importante para terem chamado ele.

Quando ele acaba de apagar as fotos, ele apenas fica parado olhando para mim por um minuto.

— Vá para casa, Mark — ele diz, enfatizando cada silaba. — E fique lá.

Ele começa a me entregar o celular quando duas mensagens de texto chegam, então ao invés de me entregar, ele olha para a tela para ver o que é.

É então que ele fica branco.

— O que foi? — eu pergunto.

Ele não responde apenas me levanta do chão, me empurrando da sala dele.

— Todd! — ele berra, e então Todd aparece na porta. — Para fora, agora!

— Pai, o que está havendo?

Ele ainda está me empurrando. Eu poderia evitar, mas ele está furioso. Há algo errado. Alguma coisa ruim aconteceu. Quando eu chego no carro de polícia com Todd, meu pai abre a porta de trás e me joga lá dentro. Eu consigo tomar meu celular dele enquanto eu entro, e meu pai bate a porta antes dele perceber que eu peguei. Ele grita para Todd.

— Você o leva direito para a casa da mãe dele. Se ele tentar lutar, prenda-o!

Todd olha para mim, concordando com o que meu pai disse, e meu pai corre para o carro de patrulha, gritando alguma coisa no rádio.

E é então que eu olho para meu celular. Há duas mensagens de Sarah.

MEU DEUS. John está aqui.

Não venha, mas se alguma coisa entranya acontecer, eu te mando msg.

Merda.

Minha cabeça começa a latejar enquanto eu penso no que fazer. Eu ligo para Sarah imediatamente, mas quando ela não atende, eu mando uma mensagem:

MEU PAI VIU ISSO. ELE TÁ INDO PEGA O JOHN. SAIA DAÍ!

E então eu percebo o que isso quer dizer. Meu pai está ligado para o FBI, a polícia — merda, o departamento de incêndio. Todos vão ir para a casa de Sarah, e ela não sabe. Ela provavelmente está com um alien idiota, e FBI e os idiotas, incluindo a Agente Walker, estão indo encontrá-la.

Eu começo a bater meu pulso contra o metal que está me separando do Todd, gritando pra ele enquanto ele entra.

— NÃO! Temos que ir atrás dela! Todd, cara, me leve para a casa da Sarah! Você tem que me levar para a casa da Sarah agora! Vai! Vai! Vai!

— O único lugar que eu vou te levar é sua casa.

Eu continuo a bater no metal até meu sangue começar a pingar dos meus dedos e Todd bate seu próprio punho na grade, gritando para eu parar, e então começa a murmurar coisas para si mesmo. Estou freneticamente mandando mensagens para Sarah enquanto ele diz: — E eu pensei que a explosão nos Goode seria maior show da noite.

Os Goode. Explosão.

Minha cabeça tenta juntar tudo, ignorando a dor na minha mão e o sangue latejando no meu cérebro.

John está aqui. Ele está em Paradise, provavelmente com Sam e Seis. Houve uma explosão na casa de Sam. Todos os policiais estão indo para lá. Se houve uma explosão, isso deve significar que houve uma batalha. E as únicas pessoas com quem John lutaria...

Os Mogs.

Os Mogs estão aqui. Estão atrás do John. E John está com Sarah.

CAPÍTULO DEZ

EU FICO EM CASA PELO RESTO DA NOITE. Eu realmente não tenho escolha. Nana está sentada em uma cadeira no pé da escada, com um olho na minha porta e outro na minha caminhonete – a sentinela pessoal do meu pai. Eu não tenho dúvidas de que se eu colocar um passo para fora de casa haverá um policial pronto para me pegar antes mesmo de eu chegar à rua. A última coisa que eu preciso é ser jogado em uma cela – mesmo que isso seja possível para me *aproximar* de Sarah.

Sarah. Ela é tudo o que eu consigo pensar. No escritório aqui em cima, eu estou ficando louco andando para frente e para trás no mesmo lugar, com esperança de que ela está bem e que se as coisas ficaram ruins, John pelo menos pôde mantê-la salva. Mesmo que odeie pensar nisso, eu tenho que acreditar que não importa como ou o que, ele vai protegê-la. Eu mando uma mensagem para GUARD e digo a ele que as coisas estão indo por água a baixo em Paradise, mas ele não me responde. Claro que essa noite não é uma das na qual ele fica grudado na tela do PC.

Eu mando mensagens para meu pai mil vezes, primeiramente me desculpando e então perguntando o que houve. Claro que ele não responde, até que finalmente eu pergunto se ele pode me dizer apenas se Sarah está bem e ele responde com uma simples palavra mágica: “sim”.

Pelo menos isso.

Enquanto eu ando, eu ouço o barulho do rádio de polícia velho do meu pai, do qual eu peguei do seu quarto. Há tanto barulho e falação que eu mal consigo entender. Há alguma coisa sobre um suspeito em custódia, e então um monte de energia estática. Eu ouço o nome de Sarah e alguém menciona a estação de Paradise, e em seguida alguém diz algo sobre uma instalação “Dumont”. Depois disso todas as vozes se calam. Silêncio no rádio.

Alguém deve ter percebido que os rádios de polícia não são seguros o suficiente. Eu imagino Agente Walker puxando um plugue gigante que desativa o sistema de rádio inteiro, mesmo sabendo que isso não funcionaria.

Uma pesquisa na internet sobre “Facilidade Dumont do FBI” me traz alguns artigos sobre um complexo enorme, fora dos limites do distrito em Dumont, Ohio, duas horas de distância daqui.

Se Sarah foi levada pra lá, eu tenho que acreditar que ela está sendo detida na prisão da delegacia e não está sendo levada para uma prisão secreta do FBI. E então no amanhecer eu tenho uma chance de descer lá pra baixo e ir ao jardim da frente de casa. Nana não está mais no seu posto, então eu acho que as ordens dela eram apenas para ter certeza de que eu ficaria em casa durante a noite. Eu entro na minha caminhonete e dirijo para a cidade. O telefone do meu pai vai direto para a secretária eletrônica. Eu paro de frente para a delegacia, observando, tentando ver Sarah ou qualquer pessoa que esteja saindo. Toda vez que a porta da frente se abre, meu peito se enche, apenas para se desapontar quando alguém além de Sarah sai. Cada vez que isso acontece, minha preocupação aumenta.

Já é um pouco mais das 8 da manhã quando Sarah sai, e eu me sinto tão supercarregado de felicidade e alívio. Ela ainda está aqui. Eles a deixaram ir. Talvez isso vai terminar bem depois de tudo.

Sarah parece um pouco assustada, e meu primeiro instinto é sair do carro e ir direto à ela. Mas ao contrário, eu dirijo junto ao seu lado enquanto ela desce para a rua.

— Sarah — eu digo — o branco dos olhos dela está vermelho, como se ela estivesse chorando recentemente. — Entre.

— Meus pais estão vindo — ela diz. — Eles vieram para a delegacia quando eles perceberam que eu não estava em casa e as coisas estavam loucas do lado de fora, mas os agentes que estavam na linha de frente os fizeram voltar para dentro — ameaçando prendê-los se eles ficassem fazendo perguntas sobre o que acontecera. Eu os disse para me pegar na mercearia para que não precisassem entrar novamente aqui. Eles vão ter muitas perguntas para mim.

— Diz a eles que eu te levo pra casa.

— Meu celular já era.

— Você pode usar o meu — eu digo, me inclinado sobre a janela do passageiro.

Depois de uma breve ligação — com muitos “eu explicarei tudo em cinco minutos quando chegar em casa” — ela me devolve o telefone e cobre o rosto com as mãos.

— O que vai dizer a eles? — eu pergunto.

— Eu não sei. Vou inventar alguma coisa. Talvez eu diga a eles que preciso dormir para depois conversarmos.

— Você está bem?

— Não — ela diz entre os dedos. — John voltou. Eu estava super emocionada e estranha com ele porque e eu estava me sentindo tão louca sobre tudo antes dele magicamente aparecer, e então o FBI me pegou. Eu não sei onde John está agora, e eu estou oficialmente ligada a uma pessoa que está de alguma forma conectada a isso tudo. Eu estive sendo interrogada pelas últimas três horas.

— O que você disse a eles?

— Nada — ela diz. — Foi a Agente Walker e algumas outras pessoas. Noto. E outro cara chamado Purdy.

Eu reconheço esse nome — o agente que GUARD falou pelo telefone. Ele está na liderança de tudo que acontece na cidade agora?

Sarah continua.

— Eles queriam saber por que John veio me ver, e eu disse a eles que foi porque nos saímos algumas vezes antes dele enlouquecer e ele provavelmente pensou que eu sairia com ele de novo se ele aparecesse e jogasse pedras na minha janela como se estivéssemos em um filme. Eu só pareci ser uma idiota.

— E eles acreditaram nisso?

— Não, eu não acho. Mas eles me deixaram ir, pelo menos. Eles têm o John. Eu acho que é tudo com o que se preocupam agora. Eles apenas me disseram para ter certeza de que eu não sairia da cidade ou estaria em problemas.

— Ela balança a cabeça. — Estou em uma lista *anti-voo* eles disseram, caso eu tente sair do país ou coisa do tipo.

— Merda.

— Eu sei — Sarah puxa a manga do seu suéter da ponta dos dedos. — Eu me sinto tão idiota. Isso é minha culpa.

— Não, é minha. Meu pai viu a mensagem que você enviou. Eu não deveria ter deixado isso acontecer.

Ela parece surpresa por um segundo — pareceu feliz por saber que o que houve na noite passada não foi sua culpa. Então sua expressão fica do mesmo jeito que estava.

— Eles estão provavelmente me vigiando. Eu deveria ter contado pra ele, mas ao contrário eu só sai correndo. Eu estava tão feliz por vê-lo.

— Você não sabia que estava sendo vigiada.

— Eu não sei o que fizeram com ele — ela diz. Sua voz está sumindo. — John...

— Eu acho que ele está em Dumont. Há algum tipo de base do FBI lá, perto da fronteira do estado.

— O que?! — ela praticamente grita, pulando no banco do passageiro e colocando o cinto de segurança. — Nós temos que ir lá. Eu tenho que falar com ele. Eu tenho que explicar que eu não...

— De jeito nenhum, Sarah. Você acabou de ser interrogada por estar com ele. Você pode não perceber isso agora, mas eles poderiam ter te prendido por ajudar um criminoso. O cara está na lista dos *mais procurados* Sarah. Eu não vou te levar em uma prisão do FBI para que você possa se meter em encrenca. Não é o que ele iria querer.

— Além disso — eu digo, mais calmo — ele tem superpoderes. Você realmente acha que ele vai ficar muito tempo preso?

— Acho que você tem razão. Sam estava com ele, mas Seis não. Ela iria os ajudar se eles se metessem em problemas, eu aposto.

— Tenho certeza. Ela é uma garota que eu não iria querer como inimiga.

Sarah me encara um pouco, mas eu não consigo decifrar o que a expressão significa.

— Tenho que comprar um novo celular — ela diz. — Ou tentar pegar o meu de volta com o FBI. — Ela fica quieta.

— Como se isso fosse possível.

— Você deveria comprar um pré-pago.

— Um o que?

— Sabe — eu digo. — Como aqueles que têm em programas sobre traficantes de drogas e coisas do tipo. Um telefone pré-pago. Você sabe que o FBI vai rastrear todas as mensagens e ligações que você receber no número antigo.

— Deus. Somos como traficantes de droga agora? — ela pergunta, olhando para fora da janela como eu a vi fazer umas mil vezes. — É essa nossa vida?

— Não me culpe. — eu digo. — Culpe a guerra iminente pelo nosso planeta entre os alienígenas humanoides e os bastardos com cara de tubarão com espadas mágicas.

Quando eu a deixo em sua casa, os seus pais estão esperando na varanda. Enquanto eu observo suas expressões mudarem de alívio para preocupação, para fúria e então para uma mistura de tudo isso, eu fico no carro, mas o pai dela tem a certeza de me lançar um olhar que me diz de uma maneira sutil que ele está me culpando por tudo que aconteceu com sua filha. Afinal, eu sou o ex-namorado festeiro que eles tiveram que afasta-lá de mim durante o verão para começo de conversa. Talvez a trouxer aqui não fosse a melhor ideia. Seu celular já era. Se eu tiver sorte,

ela poderá continuar com seu computador para “fazer trabalhos da escola”. Se não, não há outra chance dos Harts me deixarem vê-la ou falar com ela.



Já é fim de tarde quando finalmente eu ouço que meu pai voltou, ele esteve em serviço desde que me pegou no seu escritório. Ele me liga quando estou numa profunda pesquisa sobre uma série de símbolos em plantações que apareceram a alguns distritos de distância, embora eu tenha certeza de que eles são apenas trotes e não tem nada haver com os aliens de verdade.

— Oi – eu digo quando eu atendo. Eu não tenho certeza se devo esperar ele gritar ou se desculpar. Provavelmente gritar seja a escolha dele.

Ao invés disso, eu ouço um longo suspiro no outro lado da linha.

— Ah, graças a Deus – meu pai diz.

Ele parece tão aliviado – o que ele pensou que tivesse acontecido comigo?

— O que foi? – eu pergunto.

— Onde está?

— Em casa.

— Bom. Você falou com Sarah?

— Não desde hoje de manhã.

— Me escute – ele pausa por um momento e então começa a falar baixo. — Fique onde está. Você não pode sair da casa. Eu presumo que os agentes pegaram o celular de Sarah como evidência, mas se você puder, mande uma mensagem para ela dizendo para ficar em casa também. Ela é uma boa garota. Sempre gostei dela. Ela não deveria ter se metido nessa história toda.

— Pai, o que tá acontecendo? – minha imaginação de repente fica louca imaginando naves Mogadorianas sobrevoando por toda Paradise, embora não saiba de forma alguma como elas parecem.

— Eu realmente não posso dizer. Mas alguma coisa aconteceu que está enlouquecendo o FBI. É possível que talvez uma ou duas pessoas foram detidas recentemente que agora estão desaparecidas. Parece que coisas estranhas está acontecendo em Dumont onde eles foram pegos. Eu só quero ter certeza de que nenhum de vocês dois vai ter ideias brilhantes de se juntar com seus amigos caso eles decidam retornar à cidade.

John e Sam. Eles escaparam.

Não demorou muito.

— Eu ficarei aqui, pai.

Enquanto eu digo tchau, estou mandando um email para Sarah.

Sua resposta é uma página inteira de pontos de exclamação.

GUARD é a próxima pessoa que eu contato. Eu disse a ele que um dos meus amigos foi interrogado e que um dos lorienos foi mantido em custódia. Ele está feliz em saber que John escapou.

GUARD: novidades MARAVILHOSAS. Precisamos de mais aliens bons lá fora.

JOLLYROGER182. Com ctz!

GUARD: Acho que isso significa que agora sabemos o que os Fed estão procurando.

JOLLYROGER182: o que vc quer dizer?

GUARD: Se o FBI estava trabalhando junto com os Lorienos, ele não teria escapado, certo?

Eu me inclino na cadeira. Ele está certo. Claro que está. Se o FBI pegou John em custódia e interrogou Sarah logo após, eles definitivamente não estão do nosso lado.

JOLLYROGER182: merda

GUARD: Você disse que foi o Agente Purdy que estava na investigação?

JOLLYROGER182: e outros, uma mulher chamada Walker tbm

GUARD: Parece que está na hora de aumentar minha investigação sobre Purdy.

JOLLYROGER182: pensei que vc tivesse achado tudo q podia

GUARD: Há outras maneiras.

CAPÍTULO ONZE

SARAH E EU TIVEMOS NOSSA PRIMEIRA CHANCE PARA CONVERSAR no dia seguinte. O FBI – num raro momento de gentileza – não informou aos pais de Sarah sobre os eventos de sábado à noite, até onde eles sabem, Sarah tinha apenas saído depois de seu horário e foi pega na tentativa de fazer contato com o criminoso procurado John Smith. Como parte do seu punimento, ela tem um horário restrito, que inclui ir e voltar para Helena de ônibus e não inclui tempo comigo. É um saco, mas vai passar logo.

Estou esperando perto da entrada da escola fingindo estar interessado em ler um livro para a aula de inglês quando ela chega. Nós nos olhamos e eu aponto com a cabeça o corredor deserto que leva para os fundos da escola.

— Hey. Ela diz. Ela parece estar bem, o que é uma mudança clara desde a última vez que nos falamos.

— Oi pra você – eu digo – como está se sentindo?

— Estou presa pelos meus pais neste momento, mas fora isso estou bem - Ela olha para trás de mim. — Nada sobre Você Sabe Quem.

— Eu não me preocuparia com isso. Pelo que entendi, eles conseguiram fugir sem problemas – e então eu percebo o que ela quer dizer. John escapou, mas não entrou em contato com ela. Ele não voltou para ela. — Oh, mas... tenho certeza de que ele está pensando em você?!

Foi mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Tá tudo bem. Eu tive muito tempo para pensar enquanto estava presa no meu quarto. Claro que ele não voltou por mim. Não é como se eu pudesse largar minha família e for vagabundear pelo mundo lutando contra aliens, ou o que quer que ele esteja fazendo. E voltar para me ver apenas o põe em perigo. Tenho certeza de que quando chegar a hora, ele vai voltar para mim.

Ótimo. É possível que parte me estivesse esperando que essa coisa toda de “fui questionada pelo FBI sobre meu namorado presidiário” iria por algum senso em Sarah. Acho que vou ter que esperar mais.

— Eu apenas queria que houvesse uma maneira de eu saber o que eles estão fazendo.

Alguma coisa vem em minha mente. Eu vejo um jeito de ficar mais tempo junto com Sarah.

— Você não tem falta na aula de artes, depois do almoço, certo? – eu pergunto.

— Isso - A sua voz tem um pingo de suspeita. — É apenas nossa segunda semana aqui.

— Ótimo. Vamos tentar juntar algumas informações. Sua expressão é de confusão. Eu sorrio. — Houve uma explosão nos Goode na mesma noite em que John esteve na cidade. Não pode ser coincidência, pode?

— Claro que não – ela diz. Seus lábios começam a formar um sorriso malicioso.

— Não é algo que você consegue dormir depois de ver. Eu apostei que a Sra. Goode viu muita coisa. Talvez ela até tenha falado com Sam. Quero dizer, você sabe que ela está preocupada com ele. Talvez ele tenha lhe dado alguma ideia de onde eles estão indo.

— E o que fazemos com a aula?

Eu dou de ombros. — Temos um tempo depois do almoço. Você está permitida a algumas faltas. Onde está seu senso de aventura Sarah Coração Sangrento?

Ela deixa escapar um riso com a brincadeira do nome.

— Não se atreva a me dizer que estou tendendo a pôr em uma vida chata.



Depois do almoço, saímos do inferno e seguimos para Paradise.

A casa de Sam é no subúrbio fora da cidade, e eu vou por todos os atalhos que eu posso – a última coisa que eu preciso agora é ter que ir até meu pai na delegacia quando era pra eu estar na escola vinte minutos de distância.

Nós tocamos a campanhinha da varanda, mas não há ninguém por perto. Eu espio pela janela da frente e algumas cortinas, mas não parece haver nem um sinal de alguém dentro da casa.

Depois de cinco minutos, nós decidimos ir para os fundos da casa, onde eu vejo exatamente porque a polícia correu para os Goode naquela noite. Metade do quintal está destruído. Parece que algum tipo de poço foi estilhaçado em pedaços.

— Eles definitivamente estiveram aqui — Sarah diz, se aproximando.

— Não há evidência de que isso não passou de um incêndio. Nada de armas ou coisa do tipo. Tudo deve ter sido retirado.

— A equipe de limpeza foi minuciosa.

Eu concordo, e então andamos para a caminhonete derrotados. Estou pronto para começar a dirigir para Helena quando Sarah vê.

— Mark — ela sussurra.

Ela está apontando para alguma coisa no retrovisor do passageiro. Eu imediatamente vejo o que chamou sua atenção. Há um carro preto estacionado no meio da rua a mais ou menos um campo de futebol de distância. Imóvel. O para-sol está abaixado, e eu não posso nem dizer se há alguém no carro ou não.

— Aquele carro... — eu começo.

— Não parece amigável — Sarah termina meu pensamento.

Eu ligo meu carro e começo a dirigir, meus olhos presos no retrovisor, esperando que o carro não se mexa.

Não funciona.

— Mark — Sarah diz.

— Eu sei — piso mais forte no acelerador. Eu digo a mim mesmo que isso é uma coincidência, mas não há como dizer que meu cérebro acredita nisso.

— Está nos perseguindo — Sarah diz. Ela está completamente frenética no banco do passageiro, suas mãos segurando o apoio de cabeça do banco.

Eu olho para o meu velocímetro e vejo que estou indo para sessenta em trinta segundos, mas eu continuo a acelerar.

— MERDA! — Sarah grita, e eu olho novamente no meu retrovisor para ver que o para-choque dianteiro do carro desapareceu da minha traseira.

O carro está razoavelmente rápido — não o bastante para causar qualquer dano, mas a gente pode sentir, nos fazendo chacoalhar bastante. O carro some um pouco, mas ele ainda está nos seguindo com alguns metros de diferença. Instintivamente, eu acelero. O outro carro faz o mesmo.

— Coloque o seu cinto de segurança! — eu grito para Sarah, que tirou o cinto para ficar de olho no carro.

— O que vamos fazer? — ela pergunta.

Começo a pensar depressa. Não posso diminuir a velocidade. Por sorte, a estrada que estamos é plana e reta, mas há uma curva se aproximando e eu nunca vou conseguir fazê-la nessa velocidade.

— Eu não sei — eu murmuro. Estou a noventa e aumentando. Eu mal posso reconhecer uma pessoa do lado de fora — apenas um vulto preto que vagamente parece ter a forma humana. Eu me pergunto por um momento se por ser um Mog ou um agente do FBI ou algum tipo de alien que a gente não sabia que existia, porque essa possibilidade é real agora.

— O que eles querem? — eu pergunto.

— Obviamente nos assassinar — Sarah berra. Ela se agarra no banco.

Estamos nos aproximando da curva na rua quando o carro de repente passa para o outro lado da pista e me alcança até que começamos a dirigir paralelamente. O insulfilm das janelas do carro não me permite ver nada além dos reflexos do mundo exterior — como se o carro fosse algum tipo de máquina automotiva para matar sem um motorista dentro.

Sarah suspira. — Drogas! Ele está...

Eu vejo o que ela está pensando alguns segundos antes de acontecer. Eu piso nos freios. Sarah grita. O carro preto entra na minha via, quase batendo em nós por centímetros. Eu posso sentir meus freios sob meus pés quando meu carro começa a ir para o lado.

— SEGUERE FIRME — eu grito, segurando o volante com uma mão e a outra agarrando o braço de Sarah — como se eu fosse capaz de segurar nos segurar no lugar se eu começasse a rodar o carro. Eu posso sentir a caminhonete diminuir.

Mas não giramos. A caminhonete inclina, em seguida, estremece, e finalmente vem a parar depois de uma volta e meia. Fumaças das rodas estão ao nosso redor agora, enchendo meu nariz com fumaça de borracha queimada. Todos os músculos do meu corpo estão contraídos, e eu já posso dizer que eu vou ter algum tipo de contusão onde o cinto de segurança passa pelo meu corpo.

Não há sinal do carro preto. Ele desapareceu na curva.

— Você está bem? — eu pergunto a Sarah, que olha pra mim e assente. Seu cabelo está desarrumado no seu rosto, e seus olhos estão arregalados.

Ela se contorce um pouco, e então eu percebo que a soltei. Eu a soltei. Meus dedos estão duros.

Eu coloco o carro em ponto morto e começo a tremer um pouco, adrenalina correndo nas minhas veias.

A nossa frente, o carro preto aparece parado no começo da curva.

— Mark — Sarah diz — Nos tire daqui.

E então há mais fumaça saindo das rodas do carro enquanto ela se desmancia. Eu começo a dar marcha ré no carro e tento nos tirar da rua, mas estou muito devagar. Não há como nós saímos daqui a tempo.

E daí, por um segundo, o carro desvia para a direita e nos perde completamente, e então continua a ir para baixo na rua deserta enquanto eu piso no acelerador o mais rápido que posso. Eu acabo batendo uma árvore pequena e fina. Ela cai fazendo um barulho. Se quebrando.

Nós observamos enquanto o carro desaparece novamente, desta vez, para bem longe. Estou respirando como se eu tivesse acabado de sair do jogo mais intenso da minha vida. As mãos de Sarah tremem.

— Que merda foi essa? — eu pergunto.

— Acho que isso significa que estávamos mexendo onde não deveríamos.

— Aquele carro tentou nos matar!

— Não — Sarah diz, movendo a cabeça. — Ele estava tentando nos assustar apenas. Nos dizer o que vai acontecer se continuarmos a mexer. Se nos envolvermos mais.

Eu olho para o relógio. As aulas depois do almoço estão começando na Helena. Tremendo, eu ligo o carro e dirijo para nossa nova escola. Não há mais nada em Paradise para nós agora.

CAPÍTULO DOZE

MEU PAI JÁ ESTÁ EM CASA QUANDO EU CHEGO da escola a noite, o que é estranho, porque recentemente ele está chegando em casa depois de mim. Eu estaciono meu carro na lateral da casa – há um amasso bem grande no meu capô e um pouco de tinta raspada na porta traseira que eu gostaria de esconder do meu pai o quanto eu puder. Árvore estúpida.

Eu posso ouvir uma discussão enquanto estou entrando. Eu corro para a sala de jantar, onde Nana está brigando com meu pai sobre alguma coisa. Há muitas latas de cerveja na mesa.

Eu entro no meio de uma frase do meu pai.

—... bastardos não têm o direito de me tirar do meu próprio escritório.

— Você deve se comportar como um adulto! — Nana diz — mas você não vai usar linguagens como essas debaixo do meu teto.

Eles me percebem ao mesmo tempo, e Nana vem em minha direção para anunciar que o jantar está na mesa enquanto meu pai volta para suas cervejas.

— O que está acontecendo? — eu pergunto.

— Aparentemente o FBI tirou completamente o escritório do seu pai da delegacia — Nana diz, me empurrando para a cozinha e apontando para um prato de biscoitos. Eu digo que não quero com a cabeça.

— O que?

— Ele não está nada satisfeito. Pelo que me parece, um homem chamado Party ou Purdy ou algo assim o chutou do próprio escritório.

Purdy.

Nana dá de ombros. — Eu não faria perguntas a ele agora se fosse você. Vamos dar-lhe privacidade.

Eu concordo. Eu vi meu pai beber cerveja a minha vida toda, mas eu não tenho certeza se vi ele bebendo durante o dia assim. Ou mesmo bêbado. Então eu subo para meu quarto para guardar minhas coisas e ver o que eu perdi online enquanto estava voltando da Helena, enquanto tentava descobrir o que o FBI levou da delegacia. A parte lógica de mim diz que é apenas porque John escapou e eles estão preocupados se ele vai voltar aqui, mas também há um pensamento na minha cabeça: Será que isso tem ligação com minha explorada na casa dos Goode hoje? Isso é mais um aviso do FBI — um mais ameaçador do que um carro tentando me matar?

Eu balanço a cabeça. Isso deve ter relação com a busca por John e Seis. É nisso que eu tenho que acreditar.

Estou chateado que Sarah não esteja online para conversarmos. Eu quero contar a ela sobre essas novidades, mas agora que seu celular se foi e seus pais são os guardas do telefone fixo, então a internet é meu único meio de se comunicar com ela. Quando eu vejo que ela não está aqui, eu mando um e-mail, dizendo que eu tenho algumas novidades que ela vai querer, mas não menciono nada específico.

Mais tarde nessa noite — quando meu pai desmaiou assistindo represes no sofá na sala de estar — eu recebo uma mensagem de um número que eu não reconheço:

Olá. Você tem alguma pista do John?

Eu acho que Sarah ganhou outro celular, apesar de tudo. Com sorte, um pré-pago. Eu respondo:

Não, mas eu acho que isso é um bom sinal.

Alguns segundos se passam e eu recebo uma resposta.

Claro, eu acho. Eu só queria que a gente pudesse ajudar mais.

Eu mando outra mensagem:

Estamos fazendo tudo o que podemos. Você pode me ligar? Eu tenho coisas pra contar pra vc.

E então nada acontece.

Eu deito no sofá com o celular no meu peito, esperando sentir a vibração enquanto eu encaro o teto. Eu tenho juntar as coisas na minha cabeça. O FBI basicamente tomou conta de Paradise. Eles estão trabalhando para os Mogs, ou pelo menos não estão do lado dos Lorienos. E um pouco mais cedo hoje, alguma pessoa louca tento matar eu e Sarah. Ou apenas nos assustar o suficiente para pararmos de explorar nas redondezas.

Mas eu não posso parar de investigar – não posso voltar para minha vida antiga antes de tudo isso acontecer na escola. O que significa que as coisas podem ficar mais perigosas pra mim e para Sarah.

Eu começo a me perguntar o que minha família faria se eu desaparecesse por um dia. Se os FBI ou os Mogs me pegasse. O que os editores do blog iriam pensar?

Seriam em vão todas essas pesquisas que eu tenho tentado fazer?

Depois de algum tempo eu levo meu computador para a cama e começo a digitar tudo o que eu me lembro sobre o ataque dos Mogs na escola. É uma parte de testemunha, e uma parte meio sobre os aliens malvados. Eu não quero esquecer nenhum detalhe, e isso pode ser útil algum dia se nós tivermos que tentar explicar para as pessoas o que realmente aconteceu naquela noite – ou como lutar contra os Mogs. Ou se eu simplesmente desaparecer.

Eu deixo o documento salvo como rascunho privado no blog, incerto do que fazer com ele. Postá-lo só trará o FBI atrás de mim – ou os Mogs. Eles provavelmente apareceriam no meio da noite e me pegariam com suas armas explosivas. Não é um pensamento agradável, que é provavelmente a causa de um pesadelo horrível quando eu finalmente durmo. Começa perfeito – um daqueles sonhos onde tudo parece tão normal no começo que não há dúvidas de que não seja realidade. Sarah e eu estamos em uma cabana velha que minha família usou nas férias em Michigan – uma que não vou desde que eu tinha doze anos. Estamos sentados numa sala que eu sempre disse que era meu quarto, uma com duas camas que era coberta com esses magníficos lençóis brancos que eu me recusava de sair de baixo nas manhãs frias. Mas não está frio no sonho. Na verdade, parece primavera, tudo banhado nessa pacífica luz dourada.

Sarah está em uma das camas e eu estou na outra, e estamos conversando. Ela está falando sobre uma competição de líderes de torcida que se aproxima, e eu estou dizendo que ela vai ser perfeita. E ela está sorrindo muito. Estamos ambos felizes. O sonho está cheio de felicidade, como se estivesse no ar que respiramos.

E então há um barulho lá fora. Eu olho pela janela e vejo uma besta enorme – uma das criaturas que atacaram a escola. Um monstro de Mogadore, com olhos amarelos e com garras e chifres. E ele está vindo até nós.

Eu me viro para agarrar Sarah, mas ela se foi. A sala está cheia com soldados Mogadorianos, suas espadas brilhando em diferentes cores. Estão todos sorrindo nessa pele doente, mostrando os dentes cinza.

Um deles está com a Sarah.

Sarah grita meu nome. Eu dou um passo em direção a ela. E então alguma coisa saiu de dentro do seu peito, no lugar onde seu coração estava. Alguma coisa longa e brilhante.

Sarah grita. Seus olhos se arregalam, e então seu corpo amolece. E então ela se foi. Seu corpo se torna cinzas e explode como se ela fosse um alien.

É o meu próprio grito que me faz acordar, quando no meu quarto. Eu mando uma mensagem para Sarah no novo número, mas ela não responde. Ela deve estar dormindo.

Em algum ponto eu devo ter dormido novamente, porque a próxima coisa que eu sei, é que luzes estão entrando pelas janelas e eu posso sentir o cheiro de biscoitos de bacon vindos lá de baixo. Estou um pouco desorientado, mas vou ao banheiro e escovo meus dentes antes de descer para encontrar Nana na cozinha.

— Seu pai ainda está dormindo no quarto – ela diz com uma voz baixa. — Provavelmente vai demorar mais para acordar. E quando acordar vai estar de mau humor - Ela sorri um pouco. — O trate bem.

Eu pego uma fatia de bacon e o devoro em quase uma única mordida.

— Ele vai ficar bem, não vai? – eu pergunto.

— Ah, claro que sim. Os homens James sempre foram teimosos - Nana levanta as sobrancelhas para mim. — Você não é exceção.

Eu finjo estar magoado, como se ela tivesse me ferido com algum tiro imaginário. Ela sorri. E então alguém bate na porta. Ela me olha com um olhar de dúvida, mas eu apenas assinto. Ela suspira.

— Aposto que estão aqui pelo seu pai. Ela olha para seu avental, que está sujo com queijo.

— Eu cuido deles – eu digo. — Você sobe e acorda ele. Ele não vai gritar tanto com você.

Ela dá um tapinha no meu ombro e sobe. Eu pego o resto do bacon e coloco na minha boca e vou para a porta, esperando encontrar Todd ou algum dos policiais que trabalham para meu pai.

Ao invés disso, eu vejo a Agente Walker. No pé da varanda, Agente Noto está parado, com as mãos presas a cintura.

— O que você quer? — eu pergunto, sem tentar esconder a raiva no meu tom de voz. Pelo que sei, foi esses dois que tentaram acabar comigo e com Sarah ontem.

— Se acalme, Sr. James — Walker diz. — Estamos aqui apenas para fazer algumas perguntas a você.

— Tenho certeza que estão.

— Sr. James — Mark — é indispensável que você nos diga qualquer coisa que souber sobre o que Sarah Hart estava fazendo depois da escola ontem.

— Por que eu deveria contar qualquer coisa? — eu pergunto.

— Porque Sarah não voltou para casa ontem à noite — Walker diz.

Há um silêncio na minha varanda. Eu não posso dizer se estou imaginando isso ou se está sendo causado pelos meus ouvidos latejantes.

— O-o que você quer dizer? — eu tento falar.

— Os pais dela fizeram um BO ontem à noite — Walker explica. — Desde que a Sra. Hart é uma pessoa de interesse, estamos pulando o tempo normal requerido para declarar que alguém está desaparecido e estamos indo direto para a investigação. Então eu pergunto de novo, Mark: O que Sarah fez após a aula ontem?

Eu assinto. Nada disso faz sentido. Eu falei com ela ontem à noite. Ela me mandou uma mensagem. Ela —

A mensagem. De um número que eu não conheço. Poderia ter sido qualquer pessoa.

Uma voz fica repetindo na minha cabeça. *Sarah está desaparecida. Sarah está desaparecida.*

— Nada — eu digo. — Quero dizer, eu não sei. Eu não falei com ela depois do almoço de ontem. Ela pegou o ônibus para casa.

Agente Walker assente. Ela parece satisfeita com a resposta. Por um momento, sua expressão muda — como se alguma máscara tivesse sido retirada — e ela olha para mim com preocupação. Talvez até com dó, como se ela quisesse fazer alguma coisa por mim. Talvez até me abraçar. Mas esse momento passa, e ela recupera a expressão de sempre, sua boca com um sorriso enorme.

— Manteremos contato — ela diz, voltando para o carro. E então eles se foram, dentro de um dos SUVs pretos do FBI que estão por toda cidade.

Sarah está desaparecida.

Eu falhei em protegê-la.

O que eu devo fazer agora?

Não, está é uma pergunta fácil de responder. Eu a encontrarei.

Mas como eu devo fazer isso?

CAPÍTULO TREZE

DEMORA UM POUCO PARA EU PERCEBER QUE John veio buscá-la, e então eu sento-me à mesa do computar e checo meu celular a cada dois minutos, esperando que ela vá mandar algum tipo de mensagem me dizendo que está bem. Ela deve saber que eu estou ficando maluco, e ela vai me dizer que está salva.

Dias se passam sem nenhuma palavra dela, e eu percebo que estou preso a uma esperança falsa. Se ela estivesse com John, ela teria encontrado uma maneira de se comunicar comigo. Ela não teria me deixado pra trás.

É muito claro pra eu pensar no dia que ela desapareceu e ver as coisas que eu deveria ter feito. Quando ela – ou quem quer que fosse – me mandou a mensagem do número estranho. Eu não deveria nem tê-la deixada sozinha depois do que aconteceu na casa do Sam com o carro preto. Eu me sinto como um idiota. Eu me sinto inútil.

Eu tenho que fazer alguma coisa.

Estou praticamente colado no blog, mas não há muita coisa que eu possa fazer online. Eu não posso ficar sentado sem fazer nada. Eu vou enlouquecer. Alguma coisa desperta na minha cabeça. Sarah dizendo que Sam provavelmente sabia mais sobre o que estava acontecendo com os Lorienos e com os Mogs do que nós.

Seu quintal foi um campo de batalha. Sua mãe está provavelmente apavorada, não deve estar na casa. A janela dos fundos foi explodida, coberta apenas com um pedaço de plástico.

Seria a coisa mais fácil do mundo escalar ela. Se Sam tinha uma ideia melhor do que está acontecendo entre os Mogs e os Lorienos, talvez ele tenha deixado para trás algumas pistas que eu possa usar.

É quase duas horas da madrugada quando eu desço sorrateiramente vestido em roupas totalmente pretas, encolhendo o pé a cada passo. Ninguém acorda para me deter com exceção dos cachorros – mas eu estou preparado para eles. Algumas peças de bife, e Abby e Dozer ficam o mais quietos que podem.

Eu mantendo minhas lanternas desligadas até eu estar completamente na estrada. Eu dirijo para casa de Sam algumas vezes para ver se não há ninguém por lá, mas não parece ter alguém na casa. Eu estaciono algumas casas de distância apenas por precaução. Não há carros na frente, e uma rápida olhada na garagem me diz que não há carros lá também. Eu bato na porta, apenas para ter certeza de que não haverá respostas. Está tudo quieto lá dentro.

Bingo. Casa vazia.

Eu respiro fundo e me preparamentalmente. Eu já invadi algumas casas na minha vida, mas nunca fiz algo como isso. Eu digo para mim mesmo que não é grande coisa. E que eu preciso fazer isso. Qualquer coisa que eu descobrir pode nos ajudar. Qualquer coisa que eu descobrir pode me deixar mais perto de encontrar Sarah.

Eu empurro o plástico e entro pela janela dos fundos e acabo na sala de jantar. Não é difícil dizer qual é o quarto do Sam: um com um aviso na porta: ENTRE COM SEU PRÓPRIO RISCO. Eu atravesso o carpete marrom que está cobrindo o chão e entro no quarto.

O quarto do Sam está coberto com pôsteres que me lembram do porque nós todos pensávamos que ele era o estranho da escola. *Guerra nas Estrelas*, *Aliens*, *Tropas Estrelares* e pelo menos duas bandeiras diferentes da NASA. Eu imagino que onde quer que ele esteja agora, ele está vestindo a mesma camisa velha da NASA.

Depois de bater minha cabeça em um monte de bolas pintadas penduradas no meio do teto do quarto dele, eu começo a olhar em volta. Eu não tenho certeza por onde começar a procurar, então eu tipo que começo a mexer nas coisas na escrivaninha. O problema é que, eu poderia apontar pra qualquer lugar no quarto de Sam e meu dedo mostraria alguma coisa “fora do normal”. Eu olho as figuras, fotos do céu noturno e um telescópio que parece que ele estava tentando arrumar. Eu accidentalmente quebrei o braço de um modelo robótico e me sinto mal e um segundo depois eu me lembro de que Sam está fora em algum lugar com John e provavelmente nem se lembra de que esse modelo existe. Finalmente, eu acho uma coisa que me chama atenção.

Eu sento na cadeira da escrivaninha de Sam e abro uma cópia de uma pequena revista chamada “Eles Estão Entre Nós”. Parece uma fotocópia. Está cheia de conspirações alienígenas, homens lagartos e outros artigos que parecem loucura, como um que diz que o Monstro do Lago Ness é realmente um cavalo marinho extraterrestre. Eu vejo mais alguns artigos antes de eu ler a manchete que me arrepia.

O artigo é mais para um resumo de uma grande história que vai ser lançada no cinema mês que vem, mas eu não consigo encontrar mais nada em lugar algum. Eu pego a foto do artigo e a capa da revista e mando uma mensagem para GUARD. Ele vai pirar quando vir isso. Talvez ele possa me ajudar a encontrar as pessoas que escreveram – pessoas que talvez possam saber mais sobre o que está acontecendo e como eu posso encontrar Sarah.

GUARD responde rápido.

GUARD: OPAA!

JOLLYROGER182: to ligado. pode achar mais alguma coisa sobre a revista?

Eu pego alguns CDs que estão jogados na mesa apenas para ver se eles contêm arquivos interessantes. Infelizmente, eu não vejo nenhum tipo de computador. Ou Sam levou com ele, ou alguém já fez isso. Com uma pilha de revistas embaixo do braço, eu saio do quarto do Sam e pela sua casa, olhando as fotos da sua família na parede, eu observo. O pai do Sam está em algumas delas, me encarando através dos óculos grossos que parecem muito com aqueles que o Sam usa. Eu mal me lembro do Malcolm Goode das festas escolares e coisas do tipo quando eu era pequeno. Eu olho para a pilha de bobagens que eu estou tecnicamente roubando do quarto do filho dele.

— Desculpe — eu murmuro, e então sigo para o quintal — pela porta dos fundos esta vez.

Do lado de fora, eu congelo: há movimentos nas árvores perto do fim do quintal. Eu penso em correr, mas se não haver ninguém ali, vai me parecer muito suspeito. Enquanto minhas palmas começam a suar de nervosismo, uma coruja voa das árvores. Eu expiro, me dizendo que deve ter sido ela quem eu vi.

A lateral da casa mostra uma sombra que eu desapareço nela, me pressionando contra a parede. Eu fico parado pelo que me parece muito tempo observando a estrada, tentando ver qualquer movimento ou luzes — qualquer coisa que possa sugerir que há um carro preto pronto para me pegar. Porém, só há uma brisa e o som de pássaros e insetos em algum lugar na floresta. Finalmente, eu começo a voltar para minha caminhonete. Estou silenciosamente me parabenizando pelo trabalho bem feito quando eu percebo que a única coisa que aquela pessoa louca que estava atrás de nós aquele dia *estava* na verdade atrás de Sarah. Que ela pode estar capturada em cativeiro nesse momento.

Ou pior.

CAPÍTULO QUATORZE

FICO A MAIOR PARTE DA NOITE MANDANDO FOTOS E escaneando revistas para GUARD. Ele trabalha fazendo sua mágica com a internet e volta até mim me trazendo muitos números de telefones das pessoas que publicam na revista Eles Estão Entre Nós. Ele me pergunta se quer que ele faça as ligações, mas eu pego a responsabilidade para isso. Eu sou o único que está agora se debruçando em cada coluna a cada problema que Sam teve, esperando que alguma coisa - qualquer coisa - que possa me dar uma pista de onde as pessoas que estão prendendo Sarah estejam. Ou se não eles, para onde John, Seis e Sam escaparam. Se eu puder encontrá-los, eles podem usar os superpoderes para salvar Sarah sem problemas.

Sem problemas. Repito isso cada vez mais e mais em minha cabeça, esperando que eu possa acreditar.

Comprei um telefone pré-pago no dia seguinte depois da escola e comecei com os números que GUARD encontrou enquanto eu dirigia para casa. Os três primeiros que tentei deram como desligados – isso não é nada bom. Então, o quarto e último número completa a ligação. Na verdade, ele toca, mas não tem caixa de mensagens. Mais ou menos depois de 20 toques, eu desligo e ligo de novo. Conto mais vinte, desligo e ligo de novo.

Nunca fui alguém de sutilezas. Depois da terceira tentativa, alguém atende ao telefone. Consigo ouvir um som abafado na fração de segundo que obtive conexão.

Alguém estava lá.

Faço mais uma tentativa e ligo novamente. Nesta vez, o atendimento é imediato.

— O que você quer? - a voz do outro lado da linha estava trêmula e estridente. É uma voz masculina. Pela taxa de sua respiração, parece estar hiperventilando.

— Oi, aqui é... - paro por um segundo antes de dizer um nome — Roger.

— Seja o que for que você quiser, Roger, você pegou o número errado. Não ligue de novamente.

— Só estou tentando pegar alguma informação sobre a *Eles Estão Entre Nós*. Você é um dos escritores, editores ou sei lá?

— Eu disse que você ligou para o número errado.

Click. A voz do outro lado se foi.

Bato no painel do carro e tento pensar no que fazer em seguida. Então digo: — Dane-se. — e ligo novamente. O homem parece chateado quando ele diz:

— Não. Ligue. Novamente.

— Minha amiga está com problemas - deixo escapar. Silêncio do outro cara, então eu continuo — Ela está desaparecida. Tem algo a ver com os Mogadorianos. Eu só quero encontrá-la. Só quero saber se ela está bem.

Eu afundo de volta para o banco do motorista, deixando minha cabeça bater a nuca atrás.

— Por favor - digo.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Quando a voz volta, parece que o cara está chorando.

— Não publicamos o jornal mais. Eles pegaram tudo. O que mais você quer de nós? O que mais você quer de nós? Eles pegaram tudo.

— Quem são eles? – pergunto, mas posso adivinhar. — São os Mogs? Eles chegaram até você?

Não há resposta do outro lado da linha. Tiro o telefone do ouvido e olho para ele por um momento antes de desligar. Eu não deveria me surpreender que este foi o destino da revista. Inferno, estou surpreso que alguém tenha sido deixado vivo.

Eu mando uma mensagem para a GUARD sobre a conversa. Então faço uma proposta.

JOLLYROGER182: O homem que escrevia para a EEEN sabia sobre os Mogs. Estava na revista deles.

GUARD: Certo. Nós sabemos.

JOLLYROGER182: Deveríamos mudar o nome de nosso blog. Fazê-lo mais fácil para os que acreditam de verdade acharem.

GUARD: Você quer nos tornar os novos EEEN?

JOLLYROGER182: Acho que deve nos ajudar a achar novos recrutas. E quanto mais gente envolvida, maiores as chances de eu descobrir o que aconteceu com Sarah.

GUARD: Isso vai nos tornar ainda alvos maiores para os Mogs se eles fecharam a velha EEEN.

JOLLYROGER182: Mas você é um gênio da computação. Seus IP's não são rastreáveis. Não estou preocupado.

GUARD: Então vamos fazer isto. Estou te enviando um e-mail com um arquivo criptografado. Senha é: planeta de um monstro marinho.

Sei exatamente do que ele está falando - hoje pela manhã antes de ir para a escola, fizemos graça de um velho artigo que encontrei do EEEN sobre como os Krakens do mar vieram do planeta Schlongda. Foi, talvez, a primeira vez que vi que o GUARD tinha um lado não tão sério. Agora que Sarah se foi, ele é a única pessoa que posso conversar sobre tudo que está acontecendo. Sei que não o conheci pessoalmente e nunca falei ao telefone, mas ele parece a pessoa mais inteligente que eu já conheci. As coisas que ele pode fazer com computadores e conexões de internet me deixam louco.

E quando chego em casa abro o arquivo que ele me enviou, ficando completamente atônito.

Estou em frente a um arquivo de texto que lista uma tonelada de informação sobre o Agente Purdy. Não são coisas sobre as biografias dele ou sobre o que ele está trabalhando, mas números que carregam um poderio maior. Números de telefones. Contas de bancos. Senhas.

Envio uma mensagem para o GUARD.

JOLLYROGER182: Como você conseguiu tudo isso?

GUARD: Sou um mágico da internet.

GUARD: Ah, e se eu fosse você eu imprimiria aquilo e apagaria do computador como se nunca estivesse ali.

JOLLYROGER182: Você consegue entrar no e-mail deles ou algo assim?

GUARD: Estou tentando, mas é uma coisa de intranet. Pesado, Firewall pesado. Muitas coisas off-line também.

JOLLYROGER182: E se tivéssemos o computador de trabalho dele?

JOLLYROGER182: Alguma dessas senhas serviria para abrir?

GUARD: Aí já é outra história.

GUARD: Espere. Você está perto de fazer algo bem estúpido?

Eu estive louco por alguma ação. Acho que encontrei.

CAPÍTULO QUINZE

ANTES DE SAIR DA NANA, coloquei algumas anotações sobre a minha mesa. Se eu for preso, há uma chance de ser empurrado em uma van preta e nunca ver a luz do dia novamente. É dessa forma que o FBI e os Mogs trabalham, certo? Se este é o caso, não quero minha família pensando que eu fui por causa deles ou algo do tipo. Só quero que saibam que não os abandonei sem razão.

E se possível, que eles saíssem de Paradise o mais rápido possível também. Esta cidade está ficando muito perigosa. Deixo uma anotação separada para minha mãe, dizendo que sinto muito por não ter ligado e que ela deveria trazer o pai e a Nana para Cleveland. Assim eles ficaram juntos, e fora da Central Mog. Espero que eles não tenham que ler as anotações. Criei um blog automático também com o rascunho de mais cedo sobre o que realmente tinha acontecido no Paradise High. Se eu não logar e ajustar o tempo do post - se eu for pego - irá a público em uma semana. Talvez outros possam aprender pelo que eu sabia. Talvez eles sejam capazes de encontrar Sarah se eu não for.

Eu estacionei o meu caminhão em um beco perto da estação onde posso ver as portas da frente através de uma cerca de arame. Tem alguns agentes lá dentro, mas é tudo que consigo ver. Eu mando uma mensagem para o GUARD, que está atuando como uma distração para mim, ligando para uma das linhas de telefone que o FBI tem comandado e dizendo para quem atender que viu um adolescente com as mãos brilhantes e o poder de mover coisas com sua mente o entrando em um local de parada de caminhões fora da cidade. O que quer que ele diga, tem que ser convincente, porque os agentes voam para fora da estação pulando nos SUVs pretos e desaparecendo na escuridão das ruas. Pergunto-me brevemente se o meu pai está sendo convocado. Eu espero que ele esteja em boa forma suficiente para se dispuser junto, se ele tiver.

Um agente fica na recepção, mas eu já descobri uma maneira de contornar isso. Tem uma janela no banheiro dos homens, que a trinca parece estar quebrada desde que eu era uma criança. Lembro-me de quando um policial troncudo se prendeu fora da estação e ficou tentando passar por ela. Mas sou mais atlético do que ele era, e depois de atravessar a rua, evitando ser visto, ao lado da estação.

Eu apoio meus braços contra uma pia de porcelana enquanto eu puxo o resto do meu corpo para dentro, cuidando de fechar a janela tão suavemente enquanto eu passo com o meu pé. Estou dentro. Agora só tenho que permanecer escondido. Ando pelo corredor onde alguns banheiros e closets estão e dou uma olhada para então virar na quina da parede. Há algumas linhas de mesas entre mim e o agente que está na recepção que parece vidrado numa tela de computador. O escritório do pai é do outro lado da delegacia, 20 metros de distância. Só mais dois passos, digo a mim mesmo. É moleza.

Estou metade a frente da estação quando a porta do escritório do meu pai abre.

Dura meio segundo até que eu me abaixe e role para debaixo da mesa onde eu seguro minhas mãos e tento lutar para parar de tremê-las. Devo ter sido rápido o bastante, porque os dois homens que entraram no escritório não pararam de conversar.

— Estou te falando. A situação aqui está sob controle - diz a voz de um dos homens — meus agentes estão...

— Se as coisas estão realmente sob controle, Quatro não poderia entrar e sair dessa cidade do interior como se fosse um navio de guerra privado - o outro homem fala — Eu nunca deveria ter deixado Paradise nas mãos de um homem que não consegue controlá-la. Daqui pra frente meus soldados assumem.

Eu me achato no chão e pressionando o meu rosto contra o fundo da mesa, o que me oferece uma ou duas polegadas de espaço para ver através dele.

— Isso não será necessário - o primeiro homem fala. Sua face está rosada e grosseira, com um grande nariz preso como se tivesse sido abordado muitas vezes. Reconheço-o pela foto que GUARD e eu achamos online: Purdy. Isso significa que o escritório do pai estará livre se eles saírem. Se eles ficarem estou completamente ferrado. O outro homem parece Behemoth (uma criatura horrível). Ele é pelo menos sete vezes maior, com um cabelo preto puxado para trás em um rabo de cavalo, que desaparece debaixo de seu casaco preto. De costas, ele é uma parede humana. Uma montanha.

— Sua utilidade está acabando, Purdy - ele diz — Não a deixe acabar totalmente.

O homem gigante dá um passo à frente, então para. Ele vira a face para trás da delegacia, em minha direção, como se tivesse ouvido alguma coisa. Os olhos do homem são quase completamente negros. Eles refletem as luzes fluorescentes da sala.

Estou olhando para um mogadoriano. Eu reconheceria esses olhos negros em qualquer lugar. Eu não respiro. Se pudesse parar com os batimentos cardíacos, eu o faria para impedir que ele me descobrisse.

Mas ele vira-se para Purdy.

— Leve-me ao número Quatro - ele diz.

Ele quer dizer John, eu acho. Eu só tenho alguns minutos antes que eles percebam que a informação é uma farsa.

Tão rápido quanto a porta da sala se fecha, rolo para fora da mesa e sigo pela sala. Felizmente, o agente na recepção está a tentar fazer-se parecer tão ocupado quanto possível, e ele tecla alto no teclado, dando-me, pelo menos um pouquinho de cobertura no ruído. A sorte está do meu lado: as chaves do meu pai ainda funcionam.

Uma vez que estou no escritório do pai, eu me dou um segundo ou dois para acalmar-me, já que quase fui pego e tive que presenciar um Mog aqui, o que é difícil de superar. O escritório mudou um pouco desde a última vez que estive aqui quando o pai estava me levando para fora na noite que John foi pego. Têm algumas caixas grandes uma sobre a outra no canto da sala que parecem estar cheias de papéis e arquivos que eram do meu pai e ocupavam o lugar na época. A mesa está arrumada agora - compulsivamente assim - o que é ótimo para mim, porque isso significa menos para organizar.

Tomo o meu lugar na cadeira atrás da mesa e começo a checar arquivos e papéis que estão sobre a mesa. Eles não me mostram nada de importante. São todos lembretes ou boletins que são o tipo de coisa que consta no site do FBI. Estou procurando uma coisa um pouco mais secreta do que essa. O laptop de Purdy é preto e meio brilhante, algo parecido com filme de espião. Abro-o enquanto removo um pedaço de papel do bolso que tem todas as coisas que o GUARD encontrou, escrito nele. Com certeza o computador é protegido por senha. Digito o que o GUARD indexou como principal código de acesso. Purdy. E, assim mesmo, estou dentro. Eu estou em um computador do FBI.

— Deus te abençoe, GUARD - cochicho.

A área de trabalho está cheia de arquivos. No topo da tela tem alguns aplicativos. Abro o e-mail de Purdy, procurando por qualquer coisa. Deve ser a maneira mais fácil de adquirir informação sobre Sarah. A primeira senha que o GUARD me enviou não deu certo, mas a segunda deu.

Escrevo o nome de Sarah na barra de procura tão rápido que clico duas vezes. A pesquisa me traz 50 e-mails contendo o nome dela. Paro para pensar quantas vezes meu nome possa ter sido citado nesses e-mails, mas isso não é o que vim procurar. Classifico-os para ver o mais recente até que o encontro.

Detida Hart foi transferida para a base de Dulce.

Dulce. Lembro-me desse nome imediatamente pelas antigas reportagens da EEEN no blog. É um nome que aparecia o tempo todo - uma base secreta do governo onde coisas estranhas aconteciam. Uma área 51, só que menor.

Sarah está sendo mantida em Dulce. Novo México. Meio país de distância.

Tenho que ir para o Novo México.

Começo a olhar outros e-mails quando ouço a porta do escritório se fechar seguido de um barulho que parece ser a voz de Purdy.

Droga. Em minha frente está uma fonte de informações - talvez suficientes para mudar o rumo da batalha entre os lorienos e os mogadorianos. Uma batalha que decidirá o que acontecerá com a terra. Eu esperava ter mais tempo no computador e então sair e deixar que Purdy jamais pensasse que eu estive aqui. Se eu sair agora, posso tentar encontrar Sarah e tentar descobrir o que mais está acontecendo entre o FBI e os mugs. Mas se eu levar o computador, se eu roubar o laptop do FBI, talvez eu possa ser um herói. Com a ajuda do GUARD, posso crackear tudo do disco rígido. Quem sabe o que podemos aprender. Sarah poderia ajudar se eu salvá-la. Se este laptop tem boas informações nele, talvez eu possa salvar a todos.

E Sarah se impressionaria com isso.

— Foda-se - digo puxando o fio do adaptador para fora da energia e colocando o computador abaixo do meu braço.

Enquanto Purdy repreende o agente na recepção, para desbloquear uma das janelas para o escritório do meu pai e escorrego para fora. Num flash, estou dentro do caminhão, disparando através do beco. Dou uma última olhada para a estação enquanto dirijo. Purdy continua na porta. Bom. Talvez eu tenha um tempo até que ele perceba o que aconteceu.

Tempo suficiente para fugir de Paradise.

CAPÍTULO DEZESSEIS

EU TOMO CAFÉ DA MANHÃ EM UMA LANCHONETE ALGUMAS HORAS fora de Paradise: uma pilha de panquecas e duas fatias de bacon. Eu nunca gostei de tomar café, mas estou no terceiro copo. Eu preciso ficar alerta e acordado. Tenho uma longa jornada pela frente.

Entre as mordidas nas panquecas, eu giro meu telefone sobre a mesa. Meu celular de verdade está em algum lugar no outro lado da rua fora de Paradise, completamente limpo de todos meus arquivos pessoais. Toda a informação que preciso está neste celular agora. Estou preocupado sobre Sarah não ter meu número se ela tentar me contatar, mas não posso arriscar ser rastreado. Além disso, eu ainda tenho meu e-mail, e eu planejo mandar e-mails para ela todo dia até eu vê-la de novo. Eu vou pedir para GUARD descobrir como bloquear meu endereço de IP ou mandar meus e-mails por um satélite ou coisa do tipo.

Eu já cancelei a postagem automática do blog. Está na minha pasta de rascunhos agora. Eu não estou pronto para liberar toda essa informação. Alguma coisa me diz que eu tenho que guardar elas para depois, quando puder ser usada mais estrategicamente.

Eu pensei em ligar para minha família para tentar explicar melhor, mas não posso correr riscos. Eles não vão entender, e dar a eles qualquer informação de onde estou ou de onde estou indo, ou o que estou fazendo, será muito perigoso para eles. Eu só espero que eles não estejam preocupados demais. Com alguma sorte, Sarah e eu voltaremos a tempo da formatura. Presumindo que ainda haverá uma formatura. Presumindo que ainda existe uma Paradise.

A lanchonete está bem vazia – o sol está acabando de nascer distante – mas ainda estou sendo cauteloso. Eu espero até que o homem velho que está atrás da minha mesa sair para eu poder abrir o notebook. Eu mal sei por onde começar. Talvez seja melhor que eu mande um e-mail para GUARD...

Não. Se alguma coisa aqui vai me ajudar a encontrar Sarah, eu preciso de informações agora. Mais do que a cidade que ela está. Eu preciso saber como ajudá-la.

Estou lendo alguns e-mails, a maioria cheia de termos que não conheço. Eu digo a mim mesmo que vou descobrir o significado de cada palavra nesses e-mails. Parece haver problemas entre o FBI e o Departamento de Defesa, e eu vasculho meu cérebro para tentar me lembrar da aula de história para saber o que o Departamento de Defesa faz além de vagamente manter o país a salvo. Há tantas referências para um secretário que está ajudando os Mogs, mas eu não sei por que Purdy está tão interessado nesses arquivos.

Depois de um tempo eu dou uma pausa nos e-mails e começo a procurar informações em outros lugares. Eu começo procurando pela área de trabalho. Uma pasta me chama atenção: MogPro.

Mogs.

Eu dou dois cliques na pasta, mas ao invés de abrir como deveria, uma janela de senha aparece na tela. Não requer nome de usuário, apenas a senha. Eu tento me livrar dela ou clicar em outro arquivo, mas está me bloqueando de fazer qualquer outra coisa. Eu pego a lista de senhas que GUARD me passou e tento uma que deu certo no computador. Um pequeno “X” vermelho aparece abaixo do campo de senha.

Okay.

Eu tento a próxima e acabo com mais um “X” vermelho. Assim que eu aperto enter na terceira, eu percebo o que o “X” provavelmente significa.

— Ah, não, não, não, não — eu murmuro. Mas é tarde demais. Eu estraguei tudo. Um terceiro “X” aparece, e de repente há um barulho alto saindo de dentro do computador e o disco rígido para. No fundo, eu vejo arquivos desaparecendo da área de trabalho. Finalmente, a tela fica preta. O botão de inicialização não responde.

— Não! — eu grito. — Filho da mãe!

Eu bato meu punho na mesa, quebrando o prato. Os poucos clientes na lanchonete me olham. A garçonete corre até mim.

— Está tudo bem aqui? — ela pergunta, com um pouco mais de tédio do que preocupação.

— Sim — eu digo, pegando minha carteira. — Eu só... perdi meu trabalho de casa.

Eu começo a entregá-la meu cartão de crédito e puxo de volta antes dela pegar. Eu já vi seriados de crime um milhão de vezes para saber que eu não devo deixar rastros. Invés disso, eu entrego a ela uma nota de vinte e me pergunto se é tarde demais para o momento – se for, logo haverá muitos agentes do FBI caindo do céu.

Estou fumegante quando saio da lanchonete e penso em jogar o notebook para o alto e chutá-lo para o estacionamento. Mas ele ainda pode ser útil. Eu ainda estou aprendendo muita coisa sobre computadores. Talvez GUARD ainda possa conseguir alguma coisa dele. Talvez até informações que possam ajudar os Lorienos e o resto do mundo se os Mogs um dia decidirem fazer uma invasão em alta escala.

Eu entro na minha caminhonete e vou para a rodovia. Não há muitos carros à vista. O sol está nas minhas costas. Meus olhos estão vermelhos pelo tanto de café, mas estou bem. Melhor assim do que correr o risco de dormir na estrada. Ainda assim, faltam vinte horas para eu chegar no Novo México.